



CERRATIVISMO

UMA EXPERIÊNCIA
INSPIRADORA
PARA FORMAÇÃO DE
AGENTES
DE
MUDANÇA



CERRATIVISMO

UMA EXPERIÊNCIA
INSPIRADORA
PARA FORMAÇÃO DE
AGENTES
DE
MUDANÇA

REALIZAÇÃO

ISPN — Instituto Sociedade, População e Natureza
IDS — Instituto de Desenvolvimento Social

AGOSTO DE 2021

QUEM FEZ ACONTECER

Conselho gestor do projeto

ISPN — Isabel Figueiredo

AATR — Joice Bonfim

Bacia Rio Grande

Ponte de Mateus, São Desidério — Maria Souza dos Santos - Bizeca

Geraizeiros na CESPCT, Baianópolis — Euzilene Alves de Araújo

PA Rio Branco, Riachão das Neves — Miguel de Souza Neto

STR de São Desidério — Biracy Silverio Alves

STR de Formosa do Rio Preto — Eromar Ribeiro dos Santos

STR de Cotegipe — Claudionor Almeida de Amaral

UFOB — Valney Rigonatto

Agência 10Envolvimento — Martin Mayr

Bacia Rio Corrente

MAB - Movimentos dos Atingidos por Barragens — Andreia Neiva

SINDTEC - Correntina — Iremar Barbosa de Araújo

Coletivo Fecho de Pasto — Eldo Barreto

CPT - Núcleo de Bom Jesus da Lapa — Samuel Britto das Chagas

STR de Santa Maria da Vitória — Josué Martins Rosa

Movimento de Mulheres Trabalhadoras na Luta — Guiomar de Souza Santana

Escola Familiar Agrícola Correntina - Acefarca — Thauan Neri Barrem

Participantes do curso

Adalgisa Maria de Jesus

Aliene Barbosa e Silva

Conchita Silva Faislon

Douglas Barreto Magalhães

Eugênio de Souza Barbosa

Fernanda Henn

Hugo Pereira Trindade

Ianna Falcão Teixeira

Janaina de Sousa Borges

Luciana Cordeiro

Luiz dos Santos Leite

Luzineide dos Santos Gomes

Maria José de Carvalho

Sergio Santos de Souza

Sidnéia Andrade da Silva

Tamires Santos de Oliveira

Vilma Campos de Araújo

Vilma Santos da Silva

Vandilson Pereira de Souza

Vanessa Moreira e Silva

Equipe de facilitadores e tutores do curso

ISPN — Isabel Figueiredo, Silvana Bastos, Méle Dornelas,

Werlon Fontes, Lívia Carvalho, Guilherme Eidt

10envolvimento — Martin Mayr, Abner Mares, Amanda dos Santos

AATR — Joice Bonfim, Beatriz Pereira

CPT — Samuel Britto

IDS — Débora Almeida

Coordenação executiva do curso

ISPN — Isabel Figueiredo, Silvana Bastos

10envolvimento — Martin Mayr

AATR — Joice Bonfim

IDS — Débora Almeida

Sistematização da experiência

Coordenação e Revisão — ISPN

Isabel Figueiredo

Silvana Bastos

Terena Peres de Castro

Revisão de texto

Viviane Sousa Novais

Design gráfico e Ilustração

zoltar design — zoltardesign.com.br

Elaboração — IDS

Débora Almeida

Liliana Pires

O Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos-CEPF é uma iniciativa conjunta da Agência Francesa de Desenvolvimento, da Conservação Internacional, União Europeia, da Gestão Ambiental Global, do Governo do Japão, e do Banco Mundial. Uma meta fundamental é garantir que a sociedade civil esteja envolvida com a conservação da biodiversidade.



SUMÁRIO

1

PÁGINA 6

**A IDEIA DE FORMAR
CERRATIVISTAS**

2

PÁGINA 12

**OESTE BAIANO:
O CONTEXTO DA
FORMAÇÃO
DE
CERRATIVISTAS**

3

PÁGINA 20

**DESENHANDO O
CURSO
CERRATIVISTAS**

**3.1 PRINCÍPIOS DA FORMAÇÃO
DE AGENTES DE MUDANÇA NO
TERRITÓRIO**
PÁGINA 34

**3.2 EIXOS TEMÁTICOS DA FORMAÇÃO
DE CERRATIVISTAS**
PÁGINA 39

**3.3 SOBRE COMPOR E CARACTERIZAR
O GRUPO DE PARTICIPANTES**
PÁGINA 43

4

PÁGINA 48

**A FORMAÇÃO DE
CERRATIVISTAS
NA
PRÁTICA**

4.1 O PERCURSO FORMATIVO NA PRÁTICA
PÁGINA 50

4.2 A HISTÓRIA DE CADA MÓDULO
PÁGINA 58

MÓDULO 1 — O CONTEXTO
PÁGINA 58

MÓDULO 2 — NOSSA ATUAÇÃO NESSE CONTEXTO
PÁGINA 65

MÓDULO 3 — CERRATIVISTAS EM AÇÃO
PÁGINA 72

5

PÁGINA 76

**ECOS
DOS
CERRATIVISTAS**

**GALERIA DE
PROJETOS**
PÁGINA 82

1

A IDEIA DE FORMAR
CERRATIVISTAS

A transformação da realidade se dá a partir da transformação de pessoas, aliada ao fortalecimento das organizações sociais

O Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN) aprendeu em 30 anos de apoio a Pequenos Projetos Ecosociais no Cerrado, na Amazônia e na Caatinga que a transformação da realidade só acontece a partir da transformação das pessoas e suas organizações.

Fortalecer o ativismo pelo Cerrado inspirou o nome do Projeto Cerrativismo, idealizado com o objetivo de instrumentalizar a sociedade civil organizada para ampliar e qualificar sua atuação, de forma a contribuir para um melhor equilíbrio entre as forças atuantes no território e gerar benefícios socioambientais para as bacias dos rios Grande e Corrente, na região do Oeste Baiano, e para o bioma como um todo.

Para realizar o projeto, o ISPN contou com o apoio do Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos (CEPF) e estabeleceu parceria com duas organizações que têm longa trajetória de atuação nessa região: a Agência 10Envolvimento e a Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais (AATR).

Com o olhar voltado aos movimentos sociais e às organizações representativas e de assessoria a geraizeiros, pescadores artesanais, quilombolas, fecheiros, extrativistas e agricultores familiares dessas duas bacias, o Projeto Cerrativismo previu e fomentou a articulação entre estas organizações por meio da criação de um conselho como espaço de diálogo e deliberação sobre o projeto e sobre as pautas de incidência política. E, ainda, buscou apoiar o desenvolvimento de algumas organizações com assessorias técnicas e intercâmbios.

O Cerrativismo uniu o Oeste!
Pela primeira vez juntaram-se os movimentos do Grande e do Corrente.

Martin
Agência 10Envolvimento

ESTRATÉGIAS DO PROJETO CERRATIVISMO



As parcerias foram ampliadas e fortalecidas, preparando o terreno para realizar a capacitação de lideranças como uma das principais estratégias do projeto.

A partir de sua vivência na região, o ISPN, a Agência 10Envolvimento e a AATR, em diálogo com diversas comunidades e movimentos sociais, idealizaram o Curso Cerrativistas. E para facilitar sua orientação pedagógica e realização, convidaram o Instituto de Desenvolvimento Social (IDS).

O Curso Cerrativistas nasceu com o propósito de colocar a capacitação de lideranças a serviço do fortalecimento da luta dos movimentos sociais da região, e assim contribuir à conservação do Cerrado pelas mãos dos povos e comunidades que nele vivem.

O curso, desenvolvido como uma formação de agentes de mudança, revelou-se uma experiência muito exitosa para o alcance dos objetivos do projeto. E acredita-se que a proposta pode ser adaptada para outros contextos e situações, tanto no Cerrado quanto em outros biomas.

A proposta deste livro é contar a história do curso, com vistas a socializar esta experiência com mais pessoas, sejam elas da região ou não. Assim, ao longo do texto, teremos boxes que convidam o leitor a refletir sobre suas experiências de formação, realizadas ou em gestação.

Os dois primeiros capítulos contextualizam o Projeto Cerrativismo e a região do Oeste Baiano em que foi realizada a experiência. No capítulo três, apresentamos o processo de concepção do curso, até a definição do plano pedagógico e dos seus elementos. No capítulo quatro, mergulharemos na experiência de realização com a descrição dos módulos. E, finalmente, ouviremos os ecos dos cerrativistas, conhecendo um pouco as iniciativas semeadas pelo curso.

Esperamos que a leitura seja inspiradora de outras iniciativas que visem apoiar, fortalecer e instrumentalizar mais cerrativistas, e também caatingativistas, amzonidativistas, atlanticativistas e muitas pessoas que se sintam chamadas a atuar pela defesa de biomas e territórios ameaçados.



Acervo do projeto



2

**OESTE BAIANO:
O CONTEXTO DA
FORMAÇÃO
DE
CERRATIVISTAS**

A produção agropecuária é o que mais contribui para as mudanças climáticas no Brasil. A taxa de desmatamento do Cerrado vem crescendo a uma velocidade alarmante que já ultrapassa a da Amazônia.

A região do Matopiba, que abrange parte dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e da Bahia, é tida como a nova vitrine do agronegócio no Brasil devido aos solos e relevos aptos para agricultura mecanizada e à disponibilidade hídrica para irrigação. A maior parte do desmatamento do Cerrado nos últimos anos se deu justamente nessa região.

A opinião pública vê o Cerrado como celeiro do mundo, com vocação única de prover terras para agricultura, com pouco reconhecimento da importância ecológica do Bioma. E diante de dados econômicos enviesados, não se dá a devida atenção aos custos ambientais e sociais gerados por esse degradante e excludente modelo de desenvolvimento econômico.

Grande parte da região do Oeste da Bahia são terras públicas habitadas por povos e comunidades tradicionais há mais de um século e que vêm sendo griladas sistematicamente. Este problema é agravado pela necessidade dos fazendeiros de regularizar as reservas legais de suas propriedades por meio da averbação dos remanescentes de Cerrado, muitas vezes em áreas tradicionalmente ocupadas por comunidades.

A situação social enfrentada por esses povos e comunidades tradicionais da região é de extrema gravidade, configurada pelo conflito de terras, pela desigualdade social e pela violação de direitos.

MUNICÍPIOS MAIS PRODUTORES DE SOJA DO MATOPIBA

Greenpeace, 2018

	Pobreza extrema % da população total	Desigualdade de renda Índice Gini
BAHIA		
São Desidério	25,7%	0,57
Formosa do Rio Preto	30,2%	0,60
Luís Eduardo Magalhães	2,9%	0,62
Correntina	30,5%	0,58
Jaborandi	33,4%	0,62
Rio Real	20,4%	0,53
Barreiras	5,5%	0,56
MARANHÃO		
Tasso Fragoso	27,4%	0,58
Balsas	8,5%	0,58
PIAUI		
Baixa Grande do Ribeiro	30,2%	0,56



Pistoleiros da Fazenda Estrondo abrem fogo contra Geraizeiros em Formosa do Rio Preto (BA)

6 de fevereiro de 2019 Destaque, Reforma Agrária Combate Racismo Ambiental



BA: "Polícia Militar e Condomínio Fazenda Estrondo prendem ilegalmente integrante de comunidade gerazeira de Formosa do Rio Preto"

7 de junho de 2018 Destaque, Racismo Ambiental Combate Racismo Ambiental

Estrondo: a imposição da força do agronegócio na Bahia

16 de dezembro de 2017 Destaque, Racismo Ambiental Combate Racismo Ambiental

Descendentes de Canudos lutam contra megafazenda de soja na BA

Avanço da soja se dá em terras griladas e com expulsão de comunidades tradicionais



Revoltoados com a falta d'água, posseiros do oeste da Bahia rebelam-se contra fazendas que seguem os rios e o lençol freático para irrigar lavouras. Advogados e organizações de Direitos Humanos denunciam grilagem de terras e ameaças de pistoleiros



Estrondo: a imposição da força do agronegócio na Bahia

Sequestro relâmpago, cerceamento de liberdade e instalação de cercas elétricas nos quintais de comunidades tradicionais gerazeiras. Essas são algumas das acusações contra o megapreendimento administrado pelo ex-banqueiro Ronald Levinsohn

Por Thais Lazzeri, de Formosa do Rio Preto (BA)
Imagem: Fernando Maciel
Fotógrafo: Leonardo Castro
16/12/2017

Da vida em êxtase das socialites Levinsohn à violência no campo no oeste da Bahia

IN DE OLHO NOS CONFLITOS, EM DESTAQUE, PRINCIPAL, ÚLTIMAS



E para além da questão social, já existem consequências ambientais trágicas, principalmente relacionadas aos recursos hídricos. O oeste da Bahia é a segunda maior região irrigada do Brasil, com 142 mil hectares. São diversos os relatos de redução de vazão e de contaminação de cursos d'água por agrotóxicos.

Considerando que as Unidades de Conservação não são abundantes nessa região, é muito importante que áreas comunitárias e privadas contribuam também com a conservação da biodiversidade. Nesse sentido, as comunidades possuem práticas de convivência com o Cerrado, como extrativismo, criação de gado no sistema de solta e agroecologia, que são fundamentais para que se tenha escala de conservação e conectividade entre os remanescentes de Cerrado.

No oeste da Bahia estão representadas diversas categorias de povos e comunidades tradicionais: comunidades de geraizeiros, de fundo e fecho de pasto, quilombolas e agricultoras e agricultores familiares são os segmentos mais presentes. Algumas iniciativas vêm buscando disponibilizar dados relativos à história, aos modos de vida e à condição atual desses povos e comunidades, como a publicação sobre as comunidades tradicionais de fechos de pasto organizada pela Associação dos Pequenos Criadores do Fecho de Pasto de Clemente (ACCFC). Mas ainda persiste a carência de informações.

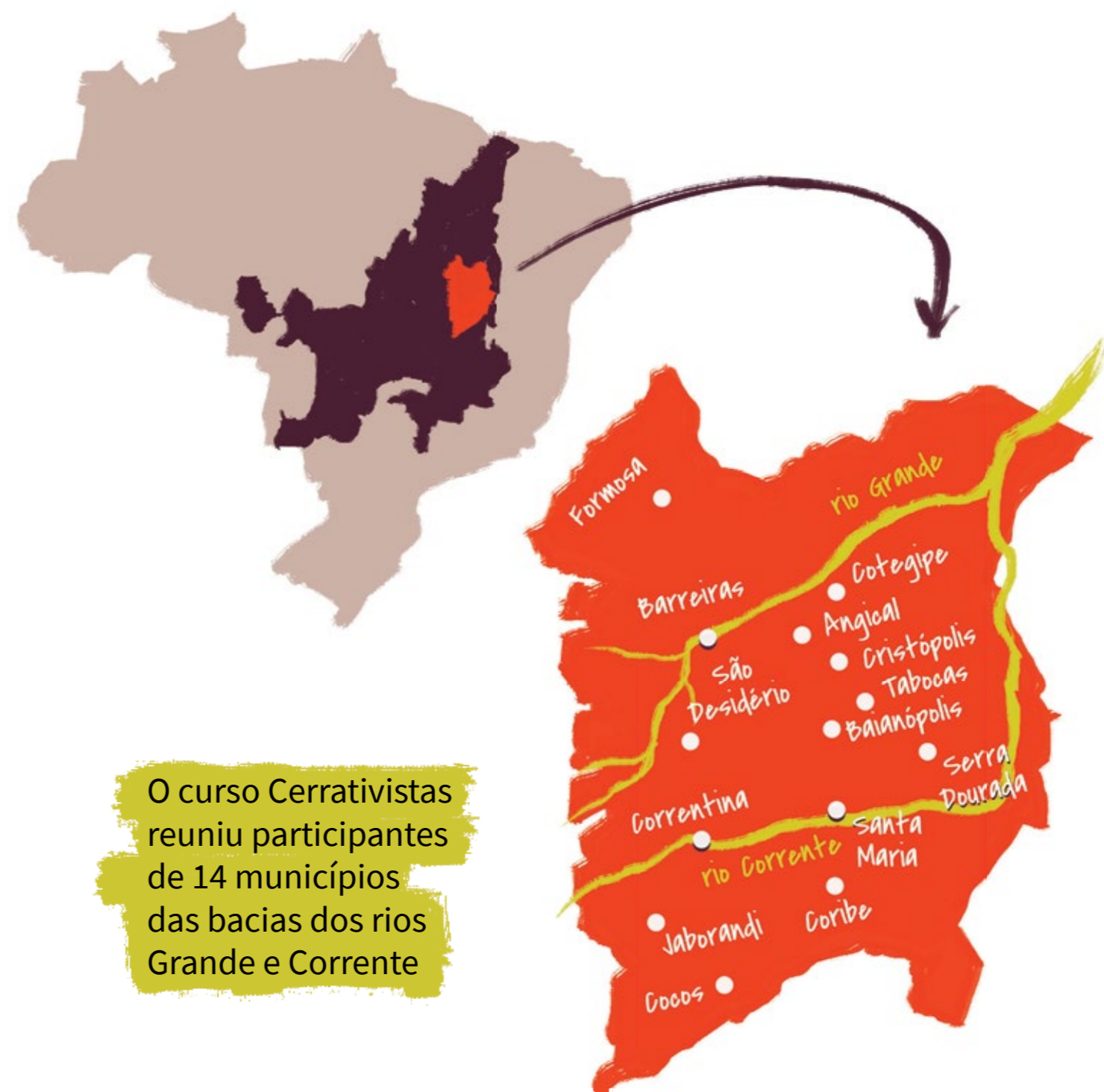
Alguns povos e comunidades da região vêm se articulando aos do bioma Caatinga, no sentido de lutar por seu direito à terra e ao reconhecimento de sua categoria como comunidade tradicional, em defesa da sua existência enquanto grupo.

Neste contexto, torna-se fundamental apoiar o fortalecimento de lideranças e organizações da sociedade civil para uma atuação estratégica e qualificada que faça frente à expansão do agronegócio em todo Matopiba. Do contrário, correndo livremente e contando com apoios poderosos que só enxergam no Cerrado um substrato para cultivo de monoculturas, a expansão desenfreada do agronegócio vai gerar impactos socioambientais ainda mais severos e irreversíveis.

Desenhando processos de formação...

Como você caracteriza o contexto socioambiental na região da sua iniciativa de formação?

Como a formação pode apoiar a estratégia de intervenção neste contexto e gerar impactos na defesa socioambiental da região?



O Cerrado abriga uma das maiores biodiversidades do mundo e, apesar de estar estreitamente ligado ao equilíbrio climático do planeta, poucos conhecem as riquezas desse bioma que está sob ameaças constantes. Apenas 8,75 % do Cerrado está protegido por Unidades de Conservação.

Metade de sua cobertura vegetal já foi perdida. O que resta do bioma está sendo conservado pelos povos e comunidades tradicionais e agricultores familiares que habitam estas terras com suas ancestralidades e seus modos de vida sustentáveis.

De acordo com o Mapbiomas, no ano de 2020, o bioma Cerrado teve, aproximadamente, 432 mil hectares desmatados, número 6% maior que o observado para o ano de 2019, respondendo por 31% da área desmatada em todo o país, ficando atrás apenas do bioma amazônico.

O Cerrado também é conhecido como o “berço das águas”, por abrigar as nascentes de 8 bacias hidrográficas, das 12 que existem no Brasil, responsáveis pelo fornecimento de água potável de aproximadamente metade da população brasileira.



3

DESENHANDO O
CURSO
CERRATIVISTAS

Diante das enormes ameaças ao Cerrado e aos seus povos e comunidades, o curso Cerrativistas visa o fortalecimento da luta dos movimentos sociais na região do Oeste da Bahia em prol deste bioma e daqueles que o conservam com suas próprias mãos.

Este capítulo conta o processo de construção do plano pedagógico do curso, que aconteceu de forma circular em que cada momento era alimentado pelos anteriores e gerava subsídios para os próximos passos.

Foi um trajeto com idas e vindas, em que se procurou abarcar as perspectivas e os desejos das pessoas e organizações envolvidas, e combinar os diferentes referenciais de formação da equipe responsável por planejar e realizar o processo.

A ideia do curso surgiu de três organizações com anos de vivência na região (AATR, 10Envolvimento e ISPN), em diálogo com as comunidades e os movimentos sociais com quem atuavam.

Combinando referenciais de formação de adultos

Cada organização envolvida na construção e realização do curso aportou seus referenciais com conceitos, metodologias e experiências de formação de adultos. Dentre esses referenciais, destacaram-se a Educação Popular, as Metodologias Participativas e a Pedagogia Social de Base Antroposófica. Em termos de experiências inspiradoras, foram considerados o Programa Juristas Leigos, realizado pela AATR, o Germinar do Instituto Ecosocial e o Formar PNGA-TI conduzido pelo Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB).

O curso, portanto, já nasceu enraizado no território! E este enraizamento foi mantido e fomentado por meio do envolvimento ativo de atores locais no planejamento e implementação da formação.

Para tal, o Conselho Gestor do Projeto Cerrativismo foi envolvido nesta governança e foi criada uma Coordenação Executiva. Com vistas a agilizar o planejamento do curso e o acompanhamento de sua realização, a Coordenação Executiva era menor, composta pelas três organizações idealizadoras do curso, ISPN, AATR, Agência 10Envolvimento, e pelo Instituto de Desenvolvimento Social (IDS), que além do apoio pedagógico às demais teve o papel de conduzir a temática de desenvolvimento individual sob a ótica da formação de agentes de mudança.

Ainda na perspectiva de promover o enraizamento dos resultados do curso no território, desde o início, já na sua idealização, considerou-se a necessidade de:

- abordar conteúdos para qualificar a visão dos participantes sobre o contexto regional e, ao mesmo tempo, ampliar seu conhecimento sobre o Cerrado como um todo;
- aprimorar as habilidades dos participantes para planejar e realizar iniciativas práticas na realidade e prover meios para apoiá-las.

Conselho Gestor do projeto Cerrativismo

“Há anos conversamos sobre unificar as lutas das duas bacias, mas as distâncias dificultam. O projeto vem atender a uma necessidade real que já temos.”

TANIA – CPT

O Conselho Gestor do projeto Cerrativismo é composto por organizações e representantes comunitários atuantes no Oeste da Bahia.

Resumo da Composição do Conselho Gestor do projeto Cerrativismo

Comunidades	Corrente Verde
Universidade Federal Oeste da Bahia (UFOB)	Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STRs)
Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Escolas Família Agrícola (EFAs)
Comissão Pastoral da Terra (CPT)	ISPN
Comissão Estadual de Povos e Comunidades Tradicionais	Agência 10Envolvimento
Sindtec	AATR

A criação do Conselho Gestor teve como propósito intensificar a relação entre atores e instituições da região, e assim fortalecer a integração de suas atuações políticas. E além de funcionar como espaço de articulação, esta instância assumiu o papel de coordenação colegiada do curso.

Neste papel, o Conselho Gestor trouxe direcionamentos e contribuiu para:

- a construção prévia dos objetivos, conteúdo e forma do curso, assim como o ajuste e detalhamento destes elementos no decorrer de sua realização;
- a definição do perfil e do processo de seleção de participantes.

O envolvimento do Conselho Gestor capilarizou o curso no território, pois:

- A diversidade de locais e âmbitos de atuação das organizações membro do Conselho Gestor refletiu-se na pluralidade do grupo de participantes.
- Mesmo que a relação entre estas organizações e os participantes do curso fosse muito variável, o fato de estes serem mobilizados a partir do Conselho Gestor favoreceu seu comprometimento e engajamento no processo.
- Cerca de metade das organizações do Conselho Gestor participaram da implementação das iniciativas no entremódulo, e alguns mais diretamente, como tutores no acompanhando da aprendizagem e desenvolvimento das pessoas e suas iniciativas.

A formação foi adotada como uma estratégia para promover e fortalecer a atuação das pessoas, no sentido de transformar seu contexto socioambiental. O processo focou em pessoas adultas, que já atuavam individual ou coletivamente no território e tinham potencial de ampliar e qualificar esta atuação. Adotou-se, portanto, a denominação de agentes de mudança no território.

De lideranças a agentes de mudança

A missão do Curso Cerrativistas foi sempre fortalecer as pessoas do território como promotoras de iniciativas em prol do desenvolvimento socioambiental.

Inicialmente, o processo foi denominado como formação de lideranças. Mas esta roupagem parecia um pouco apertada para fazer caber a diversidade das pessoas que chegaram para o primeiro módulo. Elas entendiam “liderança” como pessoas reconhecidas pelos seus pares para ocupar posições de comando, formais ou não.

Muito mais que posições hierárquicas nas organizações, o que orientou o Conselho Gestor a indicar e mobilizar os participantes para o curso foi seu potencial de atuação no território.

Este potencial ficou evidente no primeiro encontro do grupo (no Módulo 1 da formação), motivando o reconhecimento e a denominação dos participantes do curso como agentes de mudança.

No processo de concepção do curso, seu objetivo foi lapidado.

Além do objetivo, o processo de formação foi embasado por princípios.

O objetivo é como uma estrela-guia, e os princípios são como a fundação sobre a qual se constrói uma casa, representam aquilo que é primordial para criar algo seguro. Na formação, o objetivo indica a direção a seguir, e os princípios possibilitam construir e executar o processo com solidez e efetividade. Cada princípio adotado na formação de Cerrativistas é explicado no item 3.1. deste capítulo.

OBJETIVO DA FORMAÇÃO

Formar agentes de mudança no território do Oeste da Bahia

Qualificar a atuação de pessoas que possam intervir para mudar as condições socioambientais nos contextos em que se inserem visando a conservação do Cerrado.



PRINCÍPIOS DA FORMAÇÃO DE AGENTES DE MUDANÇA NO TERRITÓRIO

O grupo é o centro do processo

Os participantes são membros ativos e corresponsáveis pelo processo de aprendizagem individual e grupal.

A aprendizagem é um processo de desenvolvimento do indivíduo que reflete no contexto

Existe uma interdependência entre o desenvolvimento do indivíduo e o das condições sociais.

O adulto aprende pela experiência no contexto

O adulto aprende ao lidar de forma prática e concreta com as necessidades do contexto.

O processo de aprendizagem acontece por meio de um fluxo contínuo e ascendente

A aprendizagem pressupõe passos gradativos: revelar o entendimento do contexto e de si mesmo; ampliar este entendimento a partir de novos referenciais; praticar; refletir e aprender da prática, também para aprofundar o entendimento de si e do contexto; praticar novamente com mais consciência.

A aprendizagem promove o desenvolvimento quando acontece em três âmbitos: saber refletir, saber fazer e saber ser

Para se desenvolver, o adulto precisa aprender não só a pensar (refletir), mas também a se relacionar no social (ser) e a atuar na prática com efetividade (fazer).

Integrando os princípios no processo

No início, estes princípios não foram apresentados desta forma e não estavam alinhados entre todas as organizações das instâncias de governança do processo de formação (Conselho Gestor e Coordenação Executiva).

Mas em sua compreensão sobre o curso, cada organização já trazia um ou mais elementos relacionados a estes princípios.

E ao ser envolvida no planejamento do curso, cada organização dessas instâncias foi revelando, aos poucos, seus fundamentos para a formação, o que oportunizou a troca e a tomada de consciência sobre os princípios a serem considerados.

Além dos objetivos, a concepção do processo de formação dos agentes de mudança incluiu a definição dos seguintes elementos:

- resultados esperados;
- eixos com seus temas e conteúdos a serem abordados no percurso formativo;
- estrutura do percurso de formação.

A definição destes elementos não partiu do zero. O Projeto Cerrativismo já trazia uma primeira versão dos resultados e da estrutura da formação. E havia também proposta inicial do conteúdo a ser trabalhado em cada módulo.

Foi preciso ordenar o que já existia e orquestrar com as visões, necessidades e expectativas das organizações do Conselho Gestor. Nesta orquestração, a definição dos três elementos citados acima não aconteceu de forma linear (um elemento depois do outro), mas sim de forma circular (um elemento inspirando e retroalimentando o outro). Foi um caminho de construção coletiva, com muito diálogo, acolhimento, proposição e análise, que definiu seis resultados esperados, três eixos com seus temas e conteúdos e uma estrutura com três módulos presenciais intercalados por dois entremódulos.

RESULTADOS ESPERADOS DA FORMAÇÃO DE AGENTES DE MUDANÇA NO TERRITÓRIO

Ao final da formação, espera-se que os participantes tenham:

Ampliado sua compreensão sobre o contexto em que se inserem: o Cerrado, seus potenciais e ameaças, direitos e políticas públicas voltadas às populações tradicionais e agricultoras e agricultores familiares.

Ampliado sua capacidade de senso crítico, de análise e definição de estratégias, antes de agir de forma espontânea e arriscada.

Conhecido iniciativas, oportunidades e estratégias de ação da sociedade civil.

Refletido sobre sua atuação como liderança e como uma qualidade do trabalho em grupo.

Exercitado habilidades e competências para qualificar sua atuação como liderança.

Planejado e tomado iniciativas de transformação no seu âmbito de atuação.

Moldando os resultados da formação de Cerrativistas

As organizações do Conselho Gestor do Projeto Cerrativismo tiveram papel-chave na definição dos resultados esperados para a formação.

Estes resultados foram derivados do conhecimento e da agenda destas organizações sobre o contexto. E também refletiram a compreensão sobre a aprendizagem do adulto e o desenvolvimento de algumas delas: que a mudança do contexto passa pela mudança nas pessoas e suas organizações; que para mudar é preciso aprender; e que o aprender acontece a partir da prática.

Para estas organizações, é lutando que se aprende a lutar e se fortalece a luta!

Os resultados definidos para a formação refletem três dimensões que as organizações destacaram como essenciais para o fortalecimento das pessoas e sua intervenção no território. Estas dimensões se relacionam com os três âmbitos da aprendizagem para o desenvolvimento.

DIMENSÕES DA FORMAÇÃO DE AGENTES DE MUDANÇA E SUA RELAÇÃO COM OS ÂMBITOS DA APRENDIZAGEM PARA O DESENVOLVIMENTO

Saber refletir

Entender o contexto com seus potenciais e ameaças (atores, legislações, políticas públicas, estratégias da sociedade civil, etc.).

Saber Ser

Ampliar a percepção de si mesmo como agente de mudança no território e aprimorar suas habilidades para atuar como tal.

Saber Fazer

Realizar ações concretas no território.

À luz destas três dimensões da formação de agentes de mudança, a proposta inicial de conteúdos para cada módulo foi lapidada e organizada em três eixos. Foi construída uma ementa para cada eixo, com seus objetivos, grandes temas e conteúdos, e com indicações de atividades para desenvolvê-los nos módulos do curso.

O conteúdo de cada eixo previsto nestas ementas era extenso, pois espelhava expectativas e desejos das organizações do Conselho Gestor e da Coordenação Executiva. Mas mesmo sabendo que não seria possível abordá-lo em sua totalidade, o conteúdo da ementa funcionou como um cardápio de opções, a serem priorizadas de acordo com o perfil do grupo de participantes e da implementação, avaliação e ajuste do plano pedagógico no decorrer da formação.

EIXOS DA FORMAÇÃO E SEUS OBJETIVOS

Eixo 2 – Liderança, desenvolvimento pessoal e empoderamento comunitário

Objetivo: Tomar consciência de si mesmo na convivência em grupo e exercitar habilidades de relacionamento e liderança (habilidades sociais). Conhecer e exercitar processos básicos para sua atuação. Ampliar o conhecimento sobre formas e estratégias de organização social e comunitária.

Eixo 1 – Ambiente, Cultura, Política e Direitos

Objetivo: Ampliar a compreensão sobre o Cerrado e seus povos, a dinâmica do agronegócio, as ameaças e os impactos para as populações tradicionais. Compreender seus direitos, as políticas públicas, os espaços de participação. Conhecer e visualizar estratégias de atuação.

Eixo 3 – Experimentos de mudança: Planos de Ação

Objetivo: Planejar, realizar e avaliar iniciativas que dinamizem sua atuação e gerem efeitos/mudanças no contexto em que se inserem – na comunidade, no município ou na região.

No item 3.2. deste capítulo, são apresentados os grandes temas e o conteúdo de cada eixo temático.

Em relação à estrutura do percurso de formação, o Projeto Cerrativismo já determinava que o curso aconteceria em três módulos e já previa recursos para apoiar cada participante a executar a iniciativa prática em dois entremódulos.

Definindo a estrutura do percurso de formação

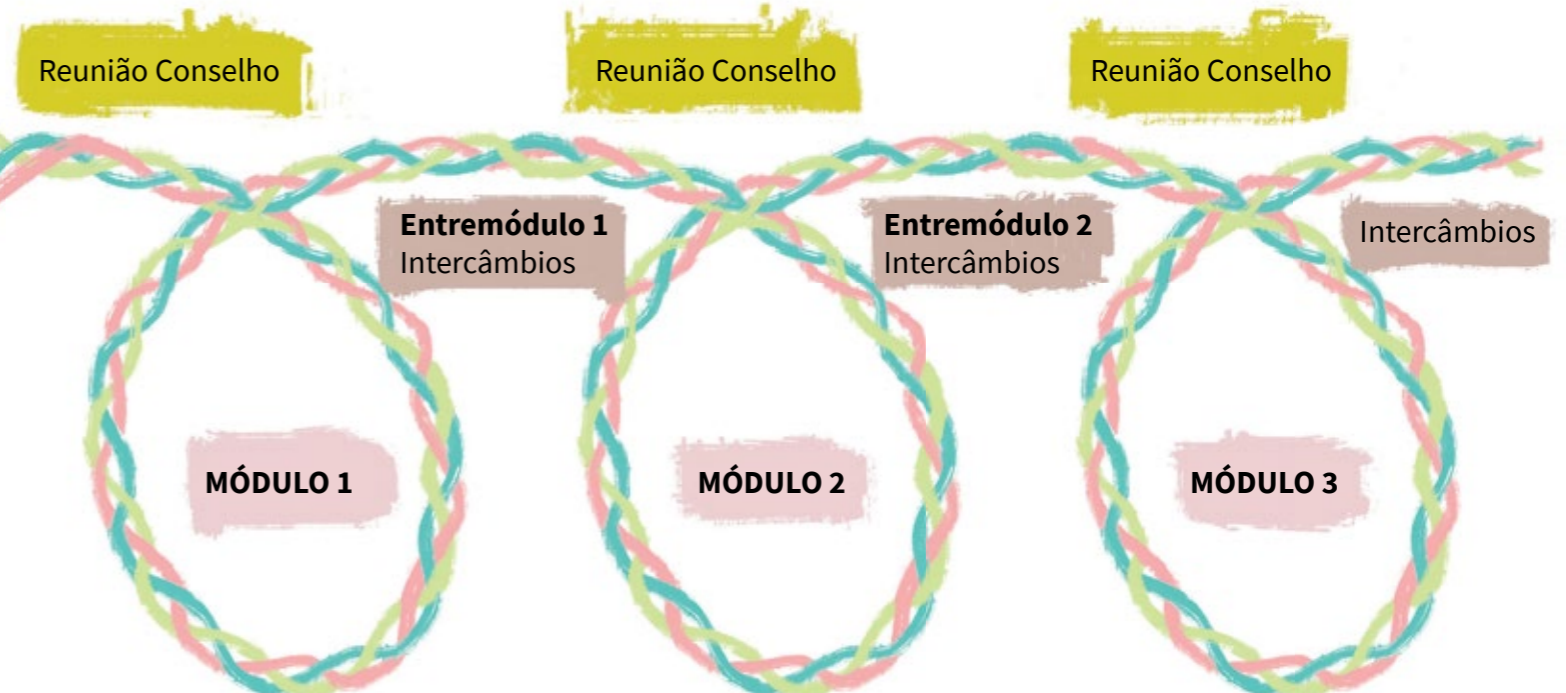
A estrutura do curso pré-estabelecida no projeto Cerrativismo foi fundamentada na experiência de seu proponente (o ISPN) de que o adulto aprende fazendo, e de que aprendendo as pessoas se transformam e aprimoram sua capacidade de transformar o contexto.

No planejamento do curso no âmbito do Conselho Gestor e da Coordenação Executiva, um desafio foi lapidar a estrutura do percurso de formação de modo a promover o princípio da aprendizagem por meio de um fluxo contínuo e ascendente.

Este princípio demanda a integração de cada módulo e entremódulo, com seus conteúdos, programação e metodologias, de forma que a compreensão dos conteúdos e o aprofundamento das atividades e iniciativas práticas aconteçam gradativamente no percurso de aprendizagem. Nesse sentido, os eixos conduzem o fluxo horizontal do conteúdo ao longo dos módulos.

ESTRUTURA DO PERCURSO DE FORMAÇÃO DE AGENTES DE MUDANÇA NO TERRITÓRIO

Conforme mostra a figura o processo de formação aconteceu por meio de três módulos presenciais, intercalados por dois entremódulos e por momentos de intercâmbio de experiências realizadas dentro e fora do território.



A composição e a caracterização do grupo de participantes para a formação de agentes de mudança foram os últimos aspectos trabalhados no processo de concepção do curso.

O grupo de participantes é o coração do processo de formação. Em sua composição, é preciso mobilizar pessoas cujo perfil favoreça o alcance dos resultados esperados da formação. E uma vez definidas estas pessoas, é preciso fazer a caracterização inicial do grupo (antes de iniciar a formação), a partir da qual se valida e/ou se ajusta o plano pedagógico. O item 3.3 deste capítulo traz uma explanação destas recomendações.

Seleção e caracterização do grupo

O Conselho Gestor protagonizou a definição prévia do perfil dos participantes e sua mobilização. A partir do perfil, foram elaborados os critérios e o procedimento de seleção de participantes (carta de apresentação do candidato e carta de indicação de uma entidade socioambiental da região).

Os critérios e o processo de seleção resultaram em um grupo bem diverso, com pessoas atuantes em diferentes âmbitos, mas todas na mesma luta, mobilizadas em torno da defesa socioambiental do território.

O grupo tinha desde agricultoras e agricultores familiares e povos tradicionais que moravam nas comunidades e viviam na pele os conflitos socioambientais, passando por lideranças dos movimentos sociais, até estudantes e ambientalistas que moravam na cidade. Havia também pessoas de diferentes idades e forte presença da juventude, assim como participação significativa de mulheres.

As cartas de apresentação e de indicação de cada candidato por uma entidade da sociedade civil da região subsidiaram a compreensão de seu perfil e a caracterização inicial do grupo. Esta caracterização foi realizada antes de começar o percurso de formação e orientou as instâncias de governança (Conselho Gestor e Coordenação Executiva) a priorizarem os conteúdos e as atividades do Módulo 1.

Cada organização trazia sua visão de temas e conteúdos prioritários, mas foi com base no perfil dos participantes selecionados – revelado na caracterização inicial e em seu aprofundamento no decorrer dos módulos – que os temas e conteúdos foram decididos. Alguns conteúdos, como por exemplo o associativismo, ficaram em segundo plano neste processo, pois não eram tão relevantes no contexto de atuação daquele grupo como um todo. E outros ganharam força, como a capacidade de argumentação, de organizar as ideias e expressá-las para contrapor narrativas contrárias ao desenvolvimento socioambiental.

PARA RESUMO DA CONVERSA

sobre planejar a formação de agentes de mudança no território

Para planejar um processo de formação de agentes de mudança, é importante **enraizar a aprendizagem no território** a ser transformado.

Dentre outras estratégias para este enraizamento, recomenda-se criar um processo de **governança por meio de uma ou mais instâncias que envolvam os atores-chave do território**, de acordo com a mudança que se quer promover.

A partir do diálogo e da construção nestas instâncias, considerando e negociando as expectativas e visões de cada ator, vai se definindo os elementos que devem compor o **plano pedagógico da formação**.

O passo inicial pode ser a definição do **objetivo da formação**, seguido pelos **princípios** que devem fundamentá-la. E estes dois elementos se desdobram nos **resultados esperados**.

Com base no objetivo, nos princípios e nos resultados, definem-se os **temas** principais a serem abordados, que são organizados em **eixos temáticos**. No último passo do planejamento, desenha-se a **estrutura do percurso de formação**, com seus momentos presenciais e não presenciais.

Os passos acima mostram de forma didática como pode se dar a construção do plano pedagógico. Mas, em geral, este processo acontece de forma circular: parte-se do que já existe nas mentes das pessoas e nos projetos das organizações envolvidas; ora se avança, ora se retorna e revisa o que vai sendo definido; e aos poucos os elementos do plano vão sendo construídos e interconectados.

A fase preparatória inclui também o processo de **mobilização e seleção** dos participantes, que deve ser cuidado de forma a resultar em um grupo com perfil alinhado ao objetivo e aos resultados da formação. E a **caracterização inicial do grupo** orienta, caso necessário, o ajuste dos elementos do plano pedagógico antes de se começar sua implementação.

3.1

PRINCÍPIOS DA FORMAÇÃO DE AGENTES DE MUDANÇA NO TERRITÓRIO

PRINCÍPIO 1: O GRUPO É O CENTRO DO PROCESSO

Na formação de agentes de mudança, o grupo é composto por pessoas que atuam no território e representa o coração do processo, pois mantém vivo e pulsante o fluxo de aprendizagem e desenvolvimento.

Uma formação é, acima de tudo, uma oportunidade de encontro entre pessoas, com seus diferentes saberes e trajetórias, em que umas aprendem com as outras. E a potência deste encontro precisa ser cuidada antes e durante o processo.

As pessoas devem ser estimuladas a cocriar o percurso de aprendizagem e dar o tom do que precisa ser trabalhado. O desafio é manter cada pessoa como um membro ativo e corresponsável pelo processo individual e grupal. Isso demanda que cada pessoa tenha consciência do caminho que está trilhando e tenha espaço para trazer suas percepções sobre este caminho e seus resultados para si mesma e o grupo (o que acontece nas reflexões e aprendizagem sobre sua prática, nas trocas de experiência em grupo, nos momentos de avaliação da formação, etc.).

A caracterização do grupo é outro elemento-chave e deve embasar o percurso formativo, desde o planejamento prévio da formação, assim como em seu desenrolar (em especial no primeiro encontro do grupo). Ao aprofundar a caracterização do grupo, é possível revelar o perfil das pessoas, com suas capacidades e necessidades, e considerá-lo no desenho e ajuste do processo de formação

PRINCÍPIO 2: A APRENDIZAGEM É UM PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO QUE REFLETE NO CONTEXTO

Para desenhar um processo de formação, é importante se questionar sobre o que se entende por aprendizagem.

No caso da formação de agentes de mudança, a aprendizagem é vista como um processo de desenvolvimento, com uma interdependência entre condições sociais e as pessoas. O processo possibilita que a pessoa eleve sua percepção da realidade e sua autopercepção e trabalhe em prol do desenvolvimento nestes dois âmbitos.

Nessa perspectiva, quando as pessoas aprendem, elas se desenvolvem e transformam sua ação no contexto (a família, um grupo de convivência ou trabalho, uma organização, uma comunidade, a sociedade, etc.). Agindo a partir dos aprendizados, elas promovem mudanças na sua realidade o que, por sua vez, impulsiona as pessoas a se desenvolverem ainda mais!

Esta interação pode ser alimentada continuamente como um ciclo virtuoso de desenvolvimento mútuo entre as pessoas e o seu contexto, que beneficia ambas as partes.

CICLO VIRTUOSO DE DESENVOLVIMENTO



PRINCÍPIO 3: O ADULTO APRENDE PELA EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO

Entendemos que o adulto aprende fazendo! Aprende a partir de necessidades concretas, que emergem de sua atuação e do trabalho no contexto em que vive.

O contexto com seus desafios e demandas, portanto, é a base do processo de aprendizagem na formação. É a partir da realidade que são criadas situações de aprendizagem, nas quais cada indivíduo é motivado a trabalhar para o desenvolvimento de si mesmo e de sua realidade.

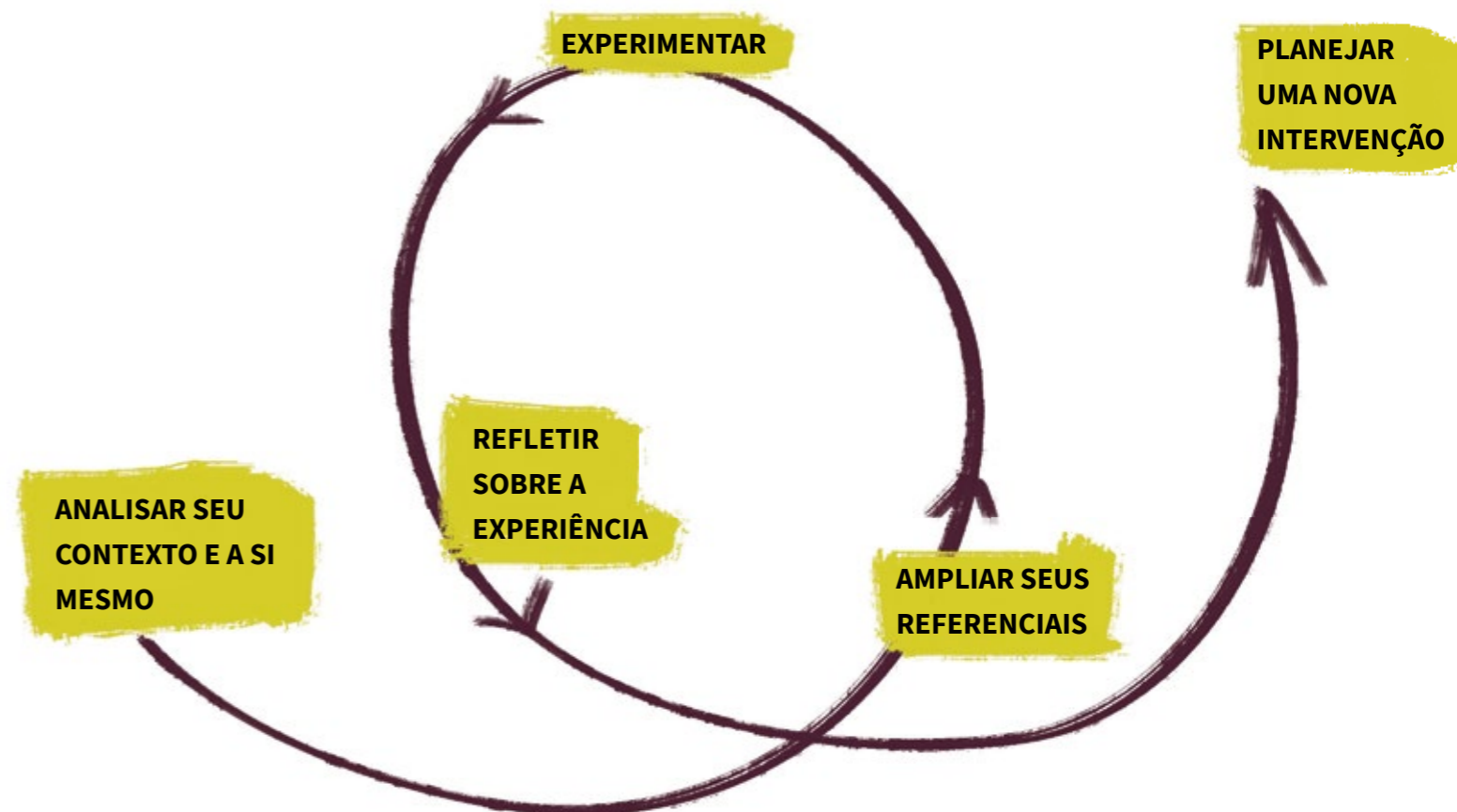
De forma geral, e como herança de nosso sistema de ensino, as pessoas estão mais acostumadas, e talvez valorizem mais, o aprender por meio do caminho da instrução. Mas considerando que o adulto aprende da prática, a experimentação é uma estratégia central, que pode ser apoiada por outras estratégias, incluindo a instrução.

PRINCÍPIO 4: O PROCESSO DE APRENDIZAGEM ACONTECE MEDIANTE UM FLUXO CONTÍNUO E ASCENDENTE

O percurso formativo acontece em um fluxo contínuo e ascendente, que promove o aprendizado gradativo a partir da prática, onde o participante aprimora aos poucos suas capacidades para perceber a realidade e a si mesmo e para intervir em prol do desenvolvimento destes dois âmbitos.

Neste percurso, a aprendizagem gradativa e enraizada no contexto acontece por meio de situações de aprendizagem, que são definidas e integradas em um fluxo ao longo de todo processo formativo.

- Aprofundar a capacidade de analisar seu contexto e a si mesmo, para assim definir o que quer mudar na realidade e na sua forma de interagir com ela.
- Renovar e ampliar seus referenciais (ideias, conceitos, teorias) a respeito da realidade e de sua forma de intervir na realidade, o que amplia sua capacidade de analisar o contexto e a si mesmo em maior profundidade.
- Planejar a intervenção no contexto e realizá-la como um experimento prático.
- Refletir sobre a experiência realizada para aprender da prática, oportunidade em que aprofunda ainda mais a percepção do contexto e de si mesmo.
- Planejar uma nova intervenção, seguindo o fluxo do aprender fazendo.



PRINCÍPIO 5: A APRENDIZAGEM PROMOVE O DESENVOLVIMENTO QUANDO ACONTECE EM TRÊS ÂMBITOS — SABER REFLETIR, SABER FAZER E SABER SER

Para o indivíduo se desenvolver a partir da aprendizagem, é preciso trabalhar suas capacidades em três âmbitos: no pensar, no agir e no sentir.

O pensar está relacionado ao conhecimento das ideias, dos conceitos, das informações e de todos os elementos que contribuem para aprofundar o “saber refletir”. Ou seja, refere-se ao arcabouço teórico ou conceitual necessário para ampliar a capacidade do indivíduo de analisar e entender seu contexto e sua atuação neste.

O agir está relacionado ao conhecimento das técnicas, ao “saber fazer”. É o campo das habilidades práticas, do colocar a mão na massa para realizar ações concretas e palpáveis.

O sentir refere-se ao âmbito do “saber ser”, relativo à postura do indivíduo perante a realidade, a suas habilidades para se relacionar com as pessoas, a sua motivação para assumir compromissos em torno de seu desenvolvimento e do contexto em que se insere.

3.2 EIXOS TEMÁTICOS DA FORMAÇÃO DE CERRATIVISTAS

Objetivos e resultados dão a direção do processo formativo. Mas ainda podem ser bastante gerais. A definição de eixos ou fios temáticos organiza e delimita os temas e processos essenciais na aprendizagem. Pela sua integração se dá o tecer do processo formativo. Constituem o esqueleto que orientará o conteúdo e as formas didáticas ao longo de todo o processo, com passos gradativos e retroalimentados por cada etapa.

O curso Cerrativistas entrelaçou três eixos temáticos, cujos conteúdos foram definidos no âmbito do Conselho Gestor do projeto Cerrativismo e da Coordenação Executiva da formação

**AMBIENTE, CULTURA,
POLÍTICA E DIREITOS**

**EXPERIMENTOS DE MUDANÇA –
PLANOS DE AÇÃO**

**LIDERANÇA, DESENVOLVIMENTO PESSOAL
E EMPODERAMENTO COMUNITÁRIO**

EIXO 1: AMBIENTE, CULTURA, POLÍTICA E DIREITOS

Objetivo: Ampliar a compreensão sobre o Cerrado e os seus povos, a dinâmica do agronegócio, as ameaças e os impactos para as populações tradicionais. Compreender seus direitos, as políticas públicas, os espaços de participação. Conhecer e visualizar estratégias de atuação.

Estado e direitos

- Constituição Federal, Direitos e políticas públicas
- Estrutura do Estado e relação com movimentos sociais
- Direitos das Comunidades Tradicionais: terra e território

Cerrado, conservação e ameaças

- Cerrado, modos de vida e identidade
- Cerrado no Brasil e no mundo
- Ecossistema Cerrado vs. agrossistema Matopiba, os argumentos para conservação do Cerrado
- Contradições do agronegócio
- Mudanças Climáticas – ameaças e oportunidades para o movimento de conservação do Cerrado
- Meio ambiente e águas

Estratégias de resistência

- Experiências e iniciativas de resistência e resiliência
- O momento político atual – estratégias para uma atuação de liderança, com inteligência e cuidados com a segurança

EIXO 2: LIDERANÇA, DESENVOLVIMENTO PESSOAL E EMPODERAMENTO COMUNITÁRIO

Objetivo: Tomar consciência de si mesmo na convivência em grupo e exercitar habilidades de relacionamento e liderança (habilidades sociais). Conhecer e exercitar processos básicos para sua atuação. Ampliar o conhecimento sobre formas e estratégias de organização social e comunitária.

Compreensão de liderança e agente de mudança

- Alinhamento sobre o conceito de liderança
- Conhecer estratégias de enfrentamento e diálogo
- Refletir sobre a vida comunitária e conhecer diferentes formas de organização social e seu papel (grupos, redes, associações, cooperativas, sindicatos, federações, etc.)

Eu como agente de mudança

- Práticas de autorreflexão, percepção de si e dos outros
- Identificar necessidades de aprendizagem e propósitos de desenvolvimento pessoal

Habilidades do agente de mudança

- Habilidades, competências e ferramentas da liderança: ferramentas de diálogo, organização e participação em reuniões, articulação com agentes externos, representação, comunicação, mobilização comunitária, planejamento e avaliação, ação não-violenta e facilitação de trabalhos em grupo; além de criar pautas, organizar a luta e costurar parcerias
- Técnicas de autosssegurança
- Mediação de conflitos e autoproteção
- Associativismo
- Uso coletivo do território

EIXO 3: EXPERIMENTOS DE MUDANÇA – PLANOS DE AÇÃO

Objetivo: Planejar, realizar e avaliar iniciativas que dinamizem sua atuação e gerem efeitos/mudanças no contexto em que se inserem: na comunidade, no município ou na região.

Compreensão da experimentação na aprendizagem do adulto

- Fundamentos da formação dos adultos: a ação como fonte de mudança e aprendizagem seu papel (grupos, redes, associações, cooperativas, sindicatos, federações, etc.)

Planejamento e gestão de iniciativas ou microprojetos

- Definição de critérios, regras de uso dos recursos
- Ciclo de gestão: planejamento, execução, prestação de contas e avaliação
- Interação com os tutores

3.3 SOBRE COMPOR E CARACTERIZAR O GRUPO DE PARTICIPANTES

Como já foi dito, em um processo de formação de agentes de mudança, o grupo está no centro do processo, e mantém vivo e pulsante o fluxo de aprendizagem e desenvolvimento. Colocar o grupo no centro do processo é considerar a riqueza e o potencial do aprender e se desenvolver coletivamente, o que está relacionado à composição e interação entre as pessoas ao longo do processo formativo.

A bagagem formada nas andanças passadas de cada membro do grupo e sua motivação e vontade para agir no futuro determinam este potencial. O grupo pode cocriar o processo e dar o tom do que precisa ser trabalhado, a partir das experiências e habilidades que cada pessoa já traz e daquelas que precisa desenvolver para atuar.

O perfil dos participantes e a estratégia para sua mobilização devem ser definidos previamente, no planejamento do processo formativo. O grupo pode ter diferentes configurações, de acordo com os seguintes fatores:

- objetivos e resultados esperados para a formação;
- características do contexto territorial, incluindo seus atores;
- as mudanças que se quer promover neste contexto;
- as estratégias atuais ou futuras para promover tais mudanças.

Considerando os efeitos que se busca no território, pode haver diferentes configurações do grupo. Uma alternativa é reunir pessoas com objetivos mais alinhados, com vistas a fortalecer o ativismo coletivo. Outra possibilidade é juntar pessoas que tenham visões diversas e até conflitantes, pensando a formação como uma estratégia para também

promover o diálogo, romper barreiras e criar novas alianças. E pode haver muitas outras configurações.

Considerando, portanto, os quatro fatores listados acima, definem-se previamente a configuração do grupo e os critérios e as estratégias para a mobilização, candidatura e seleção de seus integrantes. As organizações envolvidas na governança do processo de formação devem atuar ativamente nestas definições e em sua execução prática.

Durante o processo formativo, é provável que surjam desafios quanto ao atendimento das expectativas de alguns participantes. Além disso, as pessoas podem enfrentar imprevistos na vida. Uma soma de fatores pode resultar na evasão de participantes. Vale, portanto, começar o processo de formação com um grupo maior, prevendo algumas desistências no caminho. E em seu decorrer, é preciso estar atento às questões de interação e fazer os ajustes necessários para fortalecer a coesão do grupo.

A caracterização inicial do grupo é um ponto-chave para o processo formativo, pois permite identificar o potencial para a troca de experiência e levantar as necessidades de aprendizagem. Ao se ter consciência desses elementos, é possível consolidar o plano pedagógico da formação.

Esta caracterização inicial do grupo pode ser feita pela sistematização das informações fornecidas pelos candidatos no momento da inscrição, como por exemplo: contexto de atuação, papel que desempenham nesse contexto, expectativas concretas em relação ao processo de formação, perfil (gênero e geração, nível de educação formal, histórico de participação em capacitações, etc.).

E, quando viável, vale prever um momento coletivo para apresentar esta sistematização das informações e aprofundar a caracterização do grupo com as organizações envolvidas na governança do processo de formação, a partir de seu conhecimento das pessoas.

Desenhando processos de formação...

- No seu caso, como a composição do grupo e a interação entre as pessoas pode influenciar o caminho de formação e a promoção de mudanças no território?
- Que perfil do grupo faz mais sentido no seu contexto?

No próximo item, tem-se um panorama do perfil do grupo envolvido na formação de Cerrativistas, resultante de sua caracterização inicial.

E como exposto no Capítulo 4, esta caracterização foi aprofundada no decorrer dos módulos, possibilitando ampliar a compreensão do potencial de aprendizagem de cada indivíduo e revelar as questões de interação, e com base nisso criar estratégias, fortalecer o grupo e potencializar os resultados da formação.

Desenhando processos de formação...

- Como você lida com a caracterização do grupo nos processos de formação?
- Quais as formas utilizadas para fazer a caracterização inicial?
- Que informações são relevantes?





O PERFIL DO GRUPO DE CERRATIVISTAS

Na formação de Cerrativistas, a caracterização inicial do grupo foi feita com base nas cartas de apresentação (elaborada pelo candidato) e de indicação (elaborada por uma entidade da sociedade civil da região), as quais foram apresentadas pelos participantes no ato da candidatura para o curso.

A sistematização destas informações é apresentada abaixo.

NÚMERO DE PESSOAS NO DECORRER DO PROCESSO DE FORMAÇÃO

Dos 58 inscritos, foram selecionados 26 participantes pelo Conselho Gestor. O curso iniciou com 25 pessoas no primeiro módulo e finalizou com 20, a meta do projeto

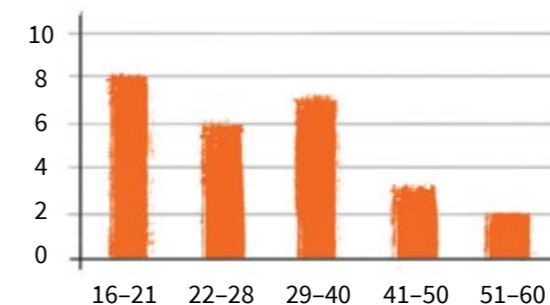
PARTICIPANTES POR BACIA

Corrente	Grande
54%	46%

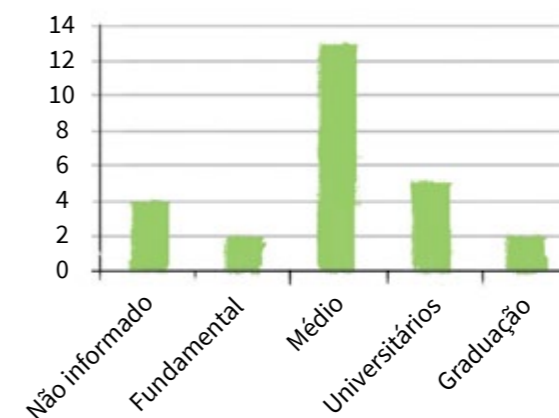
GÊNERO

Homens	Mulheres
38%	62%

IDADE DOS PARTICIPANTES



ESCOLARIDADE DOS PARTICIPANTES



EXPERIÊNCIA E ÂMBITO DE ATUAÇÃO

15 participantes relataram explicitamente experiência e militância na defesa do Cerrado, capacidade de multiplicação e expectativa alinhada ao foco de formação de lideranças.

A maioria dos participantes (14) tem atuação no âmbito comunitário, e alguns atuam em associações.

Outros (7) atuam em organizações de articulação em âmbito regional ou municipal.

E 3 em Escolas Família Agrícola.

PERANÇA
DERAMENTO
RIO



4

NINGUÉM
MORRERÁ
DE SE

**A FORMAÇÃO DE
CERRATIVISTAS
NA
PRÁTICA**

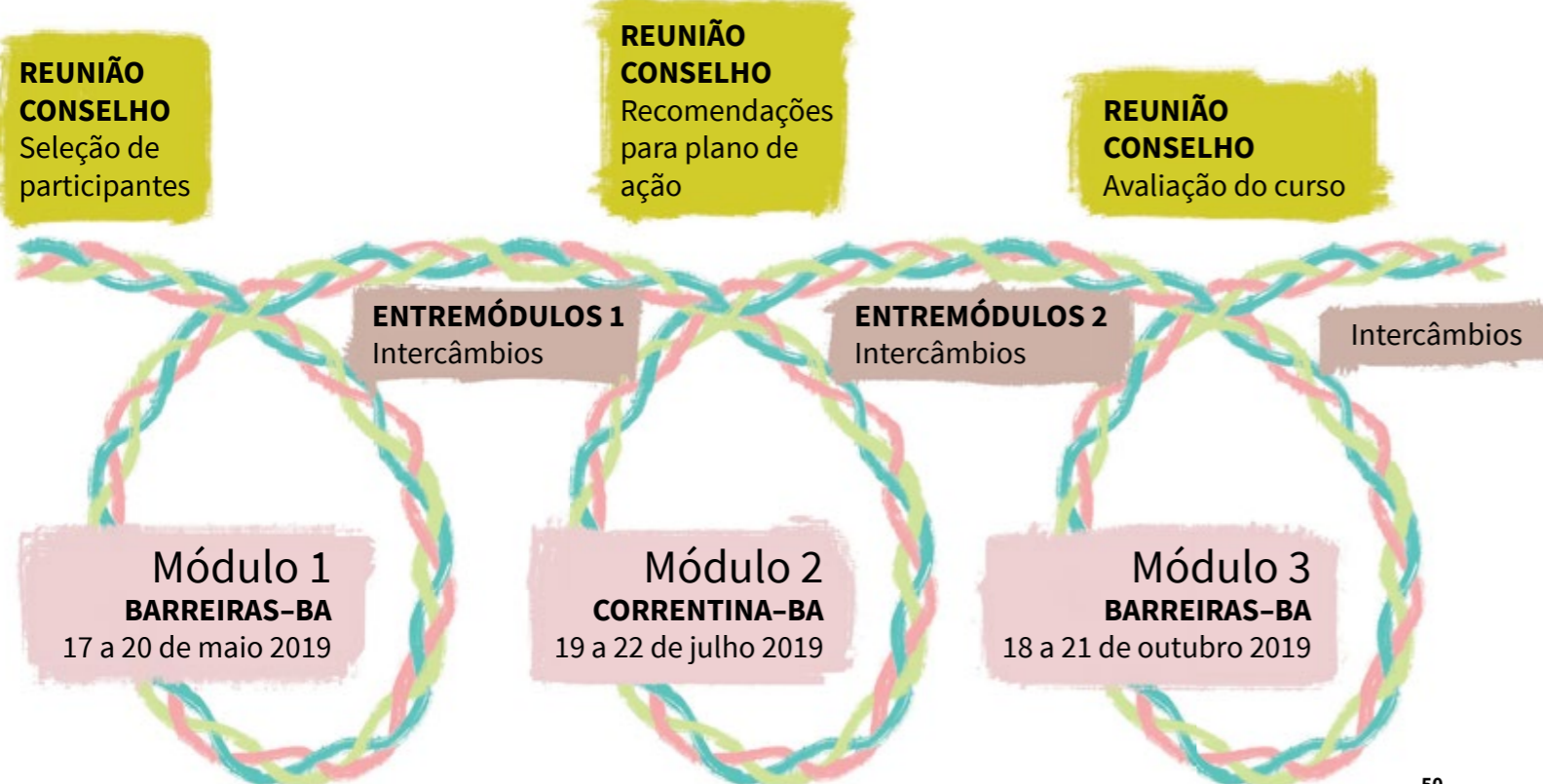
No Curso Cerrativistas, o caminho trilhado foi vivo e inspirador. A formação aconteceu como um processo dinâmico, baseado no plano pedagógico e alimentado pela análise dos resultados e das respostas dos participantes a cada passo.

Neste capítulo, apresentamos uma visão geral deste caminho e contamos como cada módulo e entremódulo foi executado.

Esperamos transmitir o calor e entusiasmo da experiência real. Que ao ler estas páginas, você possa fluir neste percurso!

4.1 O PERCURSO FORMATIVO NA PRÁTICA

Como apresentado no Capítulo 3, a formação aconteceu em três módulos intercalados por dois entremódulos e intercâmbios.



INTERCÂMBIOS DO CURSO CERRATIVISTAS

III Simpósio Baiano de Geografia Agrária

Participação de mesas de debate e palestras no II Simpósio Baiano de Geografia Agrária realizado na UFOB, em Barreiras. Participação da 7ª edição do Pequi de Ouro, premiação de pessoas, grupos e organizações que lutam pelo Cerrado na bacia do rio Grande. **28 a 30 de agosto de 2019 - Barreiras**

Comunidade Cacimbinha

Visita de campo à comunidade geraizeira localizada no Alto Rio Preto juntamente com professores e estudantes com foco no relato sobre o modo de vida e pressão da Fazenda-Condôminio Estrondo sobre a comunidade.

31 de agosto de 2019 - Formosa do Rio Preto

VI Romaria do Cerrado

Participação nas místicas e nos debates da Romaria.

11 de setembro de 2019 – Coribe

IX Encontro e Feira dos povos do Cerrado

Participação em diversas mesas, debates, atividades culturais e feira de produtos do Cerrado. **12 a 14 de setembro de 2019 – Brasília**

Restauração do Cerrado

Participação no VII Encontro de Pesquisadores da Chapada dos Veadeiros: Restauração como Ferramenta de Conservação e Integração. Intercâmbio com a Associação de Coletores de Sementes Cerrado de Pé como foco em visitar áreas em restauração com uso de semente, conhecer a organização dos/as coletores de sementes nativas, custos, desafios e técnicas.

Novembro de 2019 – Chapada dos Veadeiros (GO)

Conhecendo mais o Oeste: Fazendas do agronegócio, comunidades e áreas protegidas

Visita a fazendas, comunidades e monumentos naturais na bacia do rio Grande. Uso da terra nas fazendas, técnicas e contato com gerências. Relato de comunidades impactadas pelo uso de agrotóxicos. Encontro com representante do Sindicato dos Produtores Rurais de Luís Eduardo Magalhães. Visita aos Parques Municipais “Cachoeira Acaba Vida” e “Lagoa Azul”.

28 e 29 de janeiro de 2020 – São Desidério e Luís Eduardo Magalhães



Conchita Silva



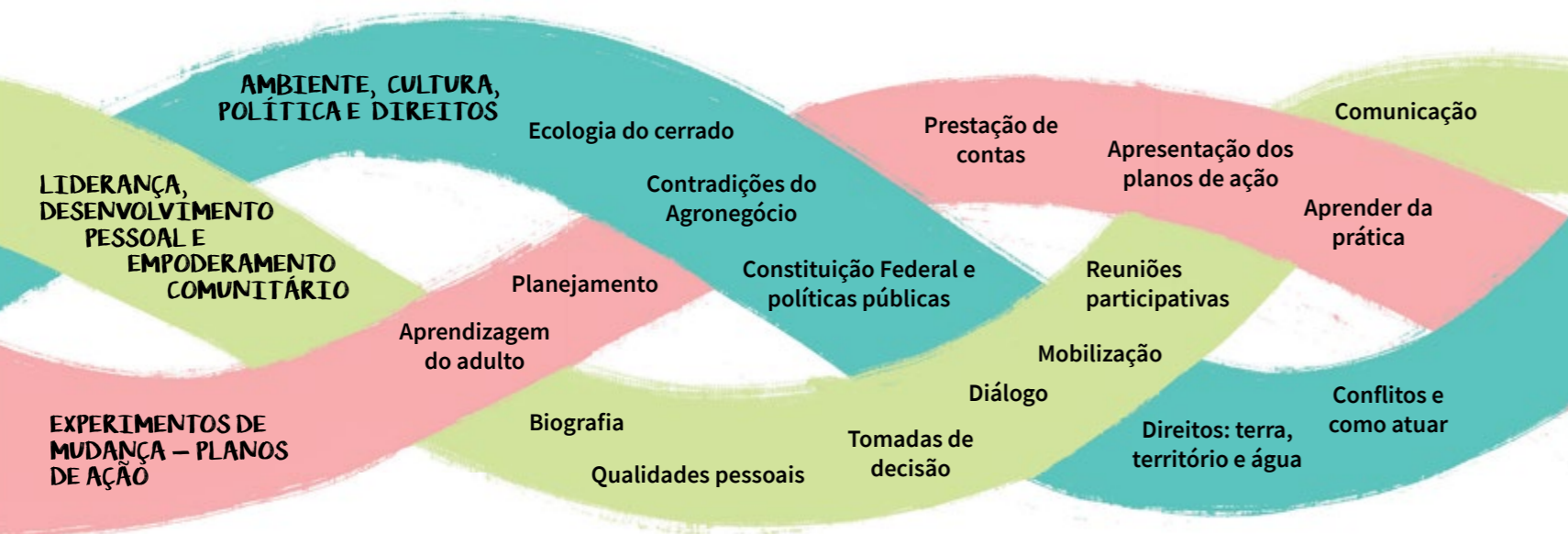
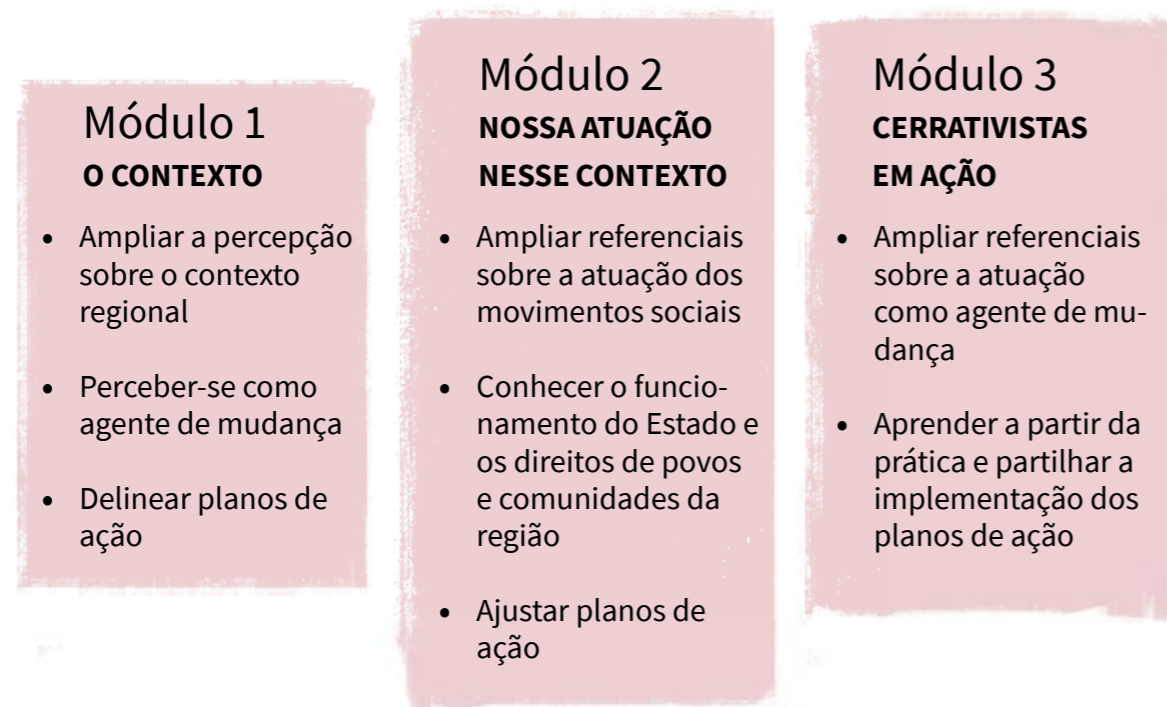
Conchita Silva



Méle Dornelas/ISPN

Nestes momentos, as atividades realizadas buscaram entrelaçar os três eixos com seus temas e conteúdos, por meio de diferentes métodos e formas didáticas.

Para facilitar o entendimento de como isso aconteceu na prática, a figura abaixo traz uma visão geral do percurso formativo.



O detalhamento e a execução de cada módulo e entremódulo envolveram a Coordenação Executiva do curso e o Conselho Gestor do Projeto Cerrativismo. Assim como planejada, a formação foi realizada coletivamente com atores do território.

Esta construção coletiva possibilitou que cada organização enriquecesse os módulos com seu conhecimento, pelo aporte de conteúdos relevantes à realidade e de um repertório de atividades baseadas em diferentes métodos. E também oportunizou a aprendizagem conjunta dessas organizações sobre a formação de agentes de mudança.

Mas se a construção coletiva é sempre mais rica, é também sempre mais desafiadora! Para funcionar e gerar bons frutos, um processo multi-institucional deve ser bem orquestrado. É preciso cuidar da governança do processo durante a execução da formação, tanto no sentido de dar atenção às relações e parcerias, como de gerir a equipe responsável, aproveitar e combinar as capacidades que cada organização traz, e coordenar a implementação e o ajuste do que foi planejado.

O Módulo 1 foi embasado no plano pedagógico e na caracterização inicial do grupo (explicados no Capítulo 3) e estreou o encontro e a interação entre os participantes, sintonizando cada pessoa e o coletivo no processo de aprendizagem.

Os módulos seguintes foram orientados não somente pelo planejamento inicial, como também retroalimentados pelos passos anteriores, ou seja:

- O Módulo 2 é detalhado a partir do plano pedagógico e dos resultados do Módulo 1 e do primeiro entremódulo.
- O Módulo 3 é uma consolidação do processo formativo, orientado pelo plano pedagógico e pelos resultados dos módulos 1 e 2 e do primeiro e segundo entremódulos.

No caminho formativo, cada pessoa e o grupo foram se desenvolvendo, e suas capacidades e necessidades foram sendo transformadas. Por isso, a caracterização do grupo não cessou no Módulo 1, mas foi abordada de forma contínua e gradativa a cada módulo.

Os resultados dos passos anteriores que orientaram o detalhamento dos módulos 2 e 3 incluíram:

- os aspectos revelados na caracterização gradativa do grupo;
- os apontamentos trazidos pelos participantes e pela equipe nos momentos avaliativos (que acontecem a cada dia e ao final de cada módulo).
- Os conteúdos, resultados e as novas necessidades de aprendizagem que eram geradas a partir das atividades realizadas nos módulos e entremódulos.

Os dois entremódulos oportunizaram aos participantes aprofundar o estudo de determinados assuntos, realizar o intercâmbio de experiências dentro e fora do território e levar para prática uma iniciativa no território. Para serem utilizadas como situações de aprendizagem, as atividades do entremódulo eram sempre planejadas no módulo anterior, e seus resultados e lições aprendidas, socializados e analisados no módulo seguinte.

A interação e a troca entre as pessoas do grupo é um aspecto importante para favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento individual e coletivo. A abertura e fechamento dos módulos e de cada dia, com as místicas, a apresentação das pessoas e a sintonização na programação; as celebrações e festas; os trabalhos em grupo e os exercícios vivenciais foram algumas das estratégias e atividades usadas em todos os módulos para cuidar deste aspecto.

O entrelaçar dos eixos (com seus temas e conteúdos) e das atividades e formas didáticas ao longo do percurso formativo é um trabalho artesanal, que precisa ser feito com criatividade, atenção e capricho. Este entrelaçar sustenta, equilibra e enriquece o processo de aprendizagem.

Na construção do plano pedagógico, as expectativas e os desejos de conteúdos a serem abordados e de atividades a serem realizadas eram grandes. Mas ao começar a trilhar o percurso formativo, o grupo foi dando o tom e orientando as escolhas do que era mais prioritário de ser trabalhado no tempo disponível. Alguns conteúdos programados acabaram tendo que ser suprimidos e outros incluídos.

Nas páginas a seguir, contamos como isso aconteceu na prática!

FORMAS DIDÁTICAS

Quem conduz processos de aprendizagem usa diferentes formas didáticas, ou seja, determinadas maneiras pelas quais a aprendizagem ocorre.

Oferta – Quem é ativo é o facilitador, isto é, é ele que “oferece”. Os aprendizes são passivos, pelo menos pela aparência exterior, pois a absorção daquilo que está sendo oferecido se dá, em diversos graus de intensidade, mediante atividades internas.

Conversa – As formas de conversa são caracterizadas pelo fato de o facilitador e o aprendiz estarem alternadamente ativos. As duas partes participam na produção de um conteúdo. O facilitador pode dar muita ou pouca direção à conversa.

Autoatividade – Nas formas de autoatividade, quem é ativo é o próprio aprendiz. É ele que trabalha numa determinada tarefa (sozinho ou com outros). O facilitador é quem estipula o objetivo, acompanha e apoia o trabalho e coordena os resultados.

PARA RESUMO DA CONVERSA

sobre detalhar e executar o percurso formativo

O detalhamento e a realização de cada módulo e entremódulo do percurso formativo envolveram **atores da região**, com vistas a enriquecer a aprendizagem dos participantes do curso e enraizá-la no território. Esta estratégia também fomenta o conhecimento e a prática destes atores sobre a formação de agentes de mudança, mas para dar bons frutos é preciso cuidar da **governança do processo coletivo** de realização do curso.

Em termos de **orientação do percurso formativo**, o plano pedagógico e a caracterização inicial do grupo foram a base do Módulo 1.

A partir deste, os próximos passos foram também retroalimentados pelos anteriores.

O processo de aprendizagem no percurso formativo foi sustentado pelo **entrelaçar dos eixos** com seus temas e atividades, e pela interação entre os participantes.

O **grupo esteve sempre no centro do processo**, e a priorização do que deveria ser trabalhado se pautou nas capacidades e necessidades dos participantes e nos resultados dos módulos e entremódulos prévios.

Nos **entremódulos**, os participantes realizaram as autoatividades planejadas no módulo prévio. E no módulo seguinte, foi feita a **análise dos resultados e aprendizados** destas atividades, tanto no âmbito do território, como do desenvolvimento do participante.

4.2 A HISTÓRIA DE CADA MÓDULO

Neste item, trazemos um relato de como aconteceu cada módulo da formação de Cerrativistas. As notas da facilitação colocadas em alguns pontos do relato têm como objetivo enfatizar aspectos da metodologia. E o Caderno de Atividades traz a descrição de algumas atividades realizadas, para ilustrar um pouco como os conteúdos foram conduzidos na prática.

MÓDULO 1 – O CONTEXTO

Objetivos do módulo

- Ampliar a percepção sobre o contexto regional;
- Perceber-se como agente de mudança e identificar suas necessidades de aprendizagem;
- Delinear planos de ação.

Este módulo foi batizado de “O contexto” no planejamento da formação. Mas como primeiro encontro do grupo, seu foco não ficou resumido ao entendimento do contexto, foi bastante direcionado a criar o ambiente de confiança para a aprendizagem.

O primeiro módulo é um momento-chave de motivar o grupo e dar o tom do percurso formativo!

O trabalho permitiu que o grupo de participantes entendesse na prática o percurso de formação e vivenciasse uma amostra do que ainda estava por vir na integração dos três eixos: refletir sobre conteúdos relevantes ao contexto, olhar para si mesmo, realizar iniciativas no território, interagir com o Conselho Gestor e, até mesmo, ter o gostinho de um intercâmbio.

Especial atenção foi dada à abertura, com a presença de conselheiros trazendo a inspiração de sua caminhada e o convite para o grupo seguir junto. Na Mística, uma tradição nos eventos no Oeste da Bahia, o centro do círculo foi composto com objetos que simbolizassem a atuação de cada participante e da equipe.

Pessoas conhecidas se reencontraram, foram fortalecendo os elos entre si e com as companheiras e companheiros do Conselho Gestor, e já era possível ver uma rede se formando. Na turma que vinha do Grande e também do Corrente, havia gente dos fechos, dos sindicatos, das escolas-família; jovens e pessoas mais vividas, mulheres e homens.

As semelhanças e diferenças entre as pessoas eram múltiplas, ora afastando, ora aproximando umas das outras. Conhecer uns aos outros foi sempre um aspecto relevante, e foram muitas as formas para incentivar a interação entre elas e promover a percepção da realidade e trajetória de si mesmo e do outro. Afinal, o grupo sempre deve estar no centro do processo de formação!

Atividades individuais, partilhadas em grupo ou guardadas para si, escritas, desenhadas ou vivenciadas, conectadas umas às outras. Assim foi sendo tecida a caracterização do grupo na integração entre os eixos, e com maior ênfase no **Eixo Liderança e Desenvolvimento Pessoal**. A biografia pessoal, lembrada como uma linha ilustrada da vida, foi o início dessa tessitura, e ancorou a caracterização. O perfil de entrada no módulo, registrado em formulário, foi muito além de um cadastro dos participantes, e convidou cada um a refletir sobre sua atuação, suas motivações e expectativas.

Aprofundar a caracterização do grupo é um foco prioritário do primeiro módulo, trabalhado por meio de diferentes estratégias e metodologias.

As atividades seguintes do módulo referentes a este eixo dariam prosseguimento à percepção de si, mas sob outro ângulo, na interação com o outro. O exercício de construção de uma antena de comunicação em papel parecia uma brincadeira divertida, mas funcionou para revelar para cada um suas habilidades e limitações do trabalho em grupo. E, de repente, o povo até então mais reservado, vindo lá das comunidades do Alto Rio Preto,

A potência do envolvimento do Conselho Gestor na preparação e seleção dos participantes foi confirmada no primeiro módulo, tanto pela riqueza e comprometimento do grupo, como pela possibilidade de alianças atuais e futuras.

fez a construção mais sólida e alta, despertando admiração dos outros e fortalecendo sua autoconfiança. Uma atividade pode gerar resultados tão diversos!

Os exercícios de habilidades sociais, como o da construção da Antena, se relacionam ao Eixo 2 e têm como foco a aprendizagem no âmbito do saber ser.

Estando atento e sendo criativo, durante os módulos é possível trabalhar a consciência sobre a própria postura nas relações sociais e exercitar habilidades de liderança na maior parte das atividades, das mais variadas formas. Isso é um exemplo do entrelaçar dos eixos na prática!

“ ... estou me conhecendo mais, e minha forma de me colocar mudou totalmente.

Participante

A escolha pelo grupo de participantes do local do próximo módulo foi aproveitada como um momento de ampliação do autoconhecimento. O grupo vivenciou na prática um processo de tomada de decisão, em que cada pessoa pôde se perceber mais profundamente, refletir sobre seu modo de ser e definir alguns propósitos a exercitar.

Estes exercícios vivenciais criaram uma base comum para tratar das crenças e visões sobre liderança e agente de mudança e agregar novos conceitos e técnicas. Nutriram o saber ser... e ser ativista. Cerrativistas!

O módulo combinou o olhar para si e olhar para o contexto, para inspirar a ação, afinal há uma realidade a ser mudada!

“ ... a proposta de reunir teoria e prática e avaliar cada momento para colher os aprendizados foi muito inovadora.

Participante

No âmbito do saber refletir, a equipe definiu o foco do **Eixo Ambiente, Cultura, Política e Direitos** a partir dos objetivos de dar o primeiro passo em subsidiar os participantes com argumentos para fortalecer sua resistência à expansão do agronegócio e de ampliar sua visão sobre estratégias de atuação da sociedade civil. Foram priorizados os seguintes assuntos: ecologia do Cerrado, impactos do agronegócio e atuação da sociedade civil.

Para abordar esses assuntos, combinaram-se formas didáticas de oferta, conversa e autoatividade, que refletiram em vários formatos de atividades: palestra dialogada, participação em evento público, roda de conversa com convidados do Conselho e parceiros, apresentação de experiência, exercício de sistematização, vídeos, leitura e distribuição de materiais.

A narrativa de defesa do Cerrado pode ter muitos vieses. Conhecer e defender o valor desse bioma e de seus povos e comunidades é um deles. A ligação com o território e o Cerrado era comum aos participantes, um requisito da seleção. Alguns lutando pelos rios, outros pelos fechos e seu direito de existir. A partir do olhar para o seu micro, buscou-se ampliar o olhar para o macro: o bioma como um todo, sua função ecológica, os ambientes semelhantes no mundo, a relação com as mudanças climáticas. E, assim, aprimorar a narrativa sobre a importância do Cerrado para as comunidades, bem como para o mundo.

Eventos externos realizados durante o curso tornaram-se atividades pedagógicas. Numa noite, os participantes seguiram para a UFOB, alguns pisando ali pela primeira vez, para participar do evento de lançamento da publicação do Greenpeace “Segure a Linha”, que em uma mesa redonda envolveu membros do Conselho Gestor e também representantes do agronegócio.

Esta experiência foi vivenciada de diferentes formas, houve quem falasse e quem ouvisse. Na manhã seguinte, os aprendizados foram levantados, e ficou evidente, para os participantes, a necessidade de aprimorarem a sua capacidade de escuta para apurar suas argumentações e atuar de forma mais qualificada.

“ ... fiquei muito impressionada em como o conselheiro participou do debate sem se alterar diante dos argumentos do agronegócio. E estou curiosa para saber como se preparar para falar sem se perder nos assuntos.


Participante

A percepção da necessidade de melhorar a argumentação de forma concreta gerou motivação para aprender. E inspiração para a equipe pensar as atividades que seriam realizadas na sequência, tanto naquele módulo como nos seguintes.

Em paralelo ao mergulho em si, no grupo, no bioma, e no contexto do Cerrado no Oeste Baiano, corria o **Eixo Experimentos de Mudança: Plano de Ação**. A partir do entendimento das bases da formação do adulto alimentada pela prática, cada participante foi apresentado à proposta de realizar uma experiência de intervenção, conheceu o membro do Conselho Gestor que seria seu tutor e definiu um tema ainda provisório para seu plano de ação.

A checagem do tema provisório e o detalhamento do plano foram uma das atividades planejadas pelos participantes para o entremódulo. Houve ainda duas outras: estudo individual sobre um tema escolhido; e socialização com as pessoas de seu âmbito de atuação de algum assunto do curso da forma que fosse viável e definida pelo participante. Essas atividades foram estruturadas no Caderno do Entremódulo, com instruções direcionadas a exercitar habilidades de planejamento, reflexão, registro e avaliação. O objetivo era estimular o estudo dos materiais distribuídos (em livros, apostilas e *pendrive*) e a integração na atuação prática de cada um daquilo que foi trabalhado no módulo.

A avaliação do módulo gerou elementos sobre o conteúdo tratado, a metodologia e interação do grupo com a equipe. E ainda foram colhidos elementos para “calibrar” as ementas dos três eixos da formação, de modo a ajustar seu conteúdo a partir da percepção e necessidades dos participantes.



O Caderno do Entremódulo foi um formulário, elaborado como caderno de campo, onde o participante registrava o planejamento das ações a serem realizadas no entremódulo, sua implementação, os desafios, aprendizados sobre o contexto e sobre si mesmo, e tudo o mais que julgasse importante a respeito da experimentação.

CADERNO DE ATIVIDADES

1 – Exercício vivencial de trabalho em grupo: Concurso maquete da antena

A Prefeitura de Cocos e a emissora de Rádio FM/AM A Voz do Oeste vão instalar uma antena para melhorar a qualidade da comunicação no campo e beneficiar o povo da região.

Além da construção da antena, a prefeitura vai apoiar a comunidade vencedora do concurso com R\$ 500 mil por cada 30 centímetros de altura de maquete construída.

Os critérios para que a maquete da torre possa servir à emissora e à Prefeitura de Cocos são: ser a mais alta possível, com no mínimo 1,5 metro de altura; parar em pé sozinha; ter estética e desenho únicos e inovadores.

Observação: cada equipe tem em estoque uma folha grande de papel e 10 cm de fita crepe, que deverão ser usados para fazer a maquete. Há também uma tesoura.

Roteiro de avaliação pelo grupo

- Estamos satisfeitos com o resultado alcançado?
- Como foi nosso processo de trabalho? Como nos organizamos?
- Que habilidades e características apareceram aqui no grupo?
- O que contribuiu e atrapalhou o resultado?

Roteiro do momento individual

- O que percebeu sobre seu estilo/jeito de participar?
- Quais foram as “qualidades” que você colocou a serviço do grupo? Ajudaram? Atrapalharam? Por quê?
- Identificou algo que queira mudar, melhorar no seu jeito de ser a partir deste exercício?
- Com base neste exercício, o que aprendeu sobre liderança?

CADERNO DE ATIVIDADES

2 – Exercício vivencial de tomada de decisão: Reunião para definir local do módulo 2

Passo 1 – Rodada com autoorganização

- Contextualizar a decisão a ser tomada pelo grupo, definindo um tema mobilizador, que gere envolvimento real no exercício.
- Divisão dos grupos e definição de tempo.
- A primeira rodada do exercício será autoorganizada pelo grupo.
- Um observador anota fatos da experiência em relação a conteúdo, interação e procedimentos.
- Ao final do tempo, fazer avaliação no grupo com apoio dos observadores, que trazem os fatos percebidos apoiando o aprofundamento da análise.
- Autorreflexão sobre postura pessoal e definição de propósito a exercitar
- Plenária: O que ajuda e o que atrapalha os processos de tomada de decisão em grupo?

Passo 2 – Contribuição conceitual sobre processos de tomada de decisão

A partir do referencial da equipe, ofertar conteúdo que inspire o grupo, conforme sugestão de fases abaixo.

Fases da tomada de decisão:

- Criar base de informações – **Formação de Imagem** sobre a questão em decisão
- Análise e ponderação – **Julgamento**
- Tomada de decisão – **Decisão da Melhor Opção**

Passo 3 – Rodada com novas habilidades

- Nos mesmos grupos, proceder a tomada de decisão a partir dos aprendizados da primeira rodada
- Plenária de aprendizados
- Distribuição de material de apoio, conforme necessidade

MÓDULO 2 – NOSSA ATUAÇÃO NESSE CONTEXTO

Objetivos do módulo

- Ampliar referencial sobre a atuação dos movimentos sociais;
- Conhecer o funcionamento do Estado e os direitos de povos e comunidades da região;
- Ajustar planos de ação.

O Módulo 2 foi voltado a inspirar os agentes de mudança em novos caminhos de atuação. Aconteceu em Correntina, onde conflitos socioambientais emblemáticos ganharam visibilidade nacional. Este contexto contribuiu para que os participantes entendessem a importância de analisar em profundidade a realidade com sua correlação de forças, para então definir estratégias de ação mais efetivas para a mudança.

Os participantes alcançaram este entendimento a partir da combinação de diferentes caminhos de aprendizagem: o chamado para a luta, na voz e presença de conselheiros e lideranças; a socialização dos resultados do entremódulo e problematização dos planos de ação a partir da reflexão sobre o contexto; o aporte de contribuições técnicas voltadas a qualificar a argumentação e as estratégias de resistência.

O **Eixo Ambiente, Cultura, Política e Direitos** predominou neste módulo, e focou nos seguintes conteúdos: estrutura e funcionamento do Estado; direito ambiental e direitos dos povos e comunidades tradicionais, com ênfase na questão territorial e água. Frente ao tempo disponível, um desafio foi calibrar a amplitude e profundidade deste conteúdo e o uso de diferentes formas didáticas.

Precisamos nos livrar de inocências ao propor ações. Se quiser plantar árvore para colher liderança, faz sentido. Mas não pode pensar que mutirão de plantio vai salvar as águas do rio.

Iremar - Conselheiro

A participação dos conselheiros qualificou o conteúdo abordado e possibilitou conectá-lo à realidade. O grupo aprendeu pelo exemplo das lideranças mais experientes, e também foi desafiado a aprofundar sua análise da realidade e a repensar suas estratégias de ação no território.

Para calibrar a profundidade do conteúdo a ser trabalhado, é preciso sempre saber onde o grupo está: começar por levantar a compreensão atual sobre o assunto, para depois aportar conteúdos novos. E sobre como calibrar as formas didáticas, os parágrafos seguintes mostram um pouco de como o vasto conteúdo foi abordado no módulo de forma criativa e dinâmica.

Compreender a diferença entre Estado e governo e a estrutura e o funcionamento do Estado, com as instâncias executiva, legislativa e judiciária, iluminou o entendimento dos caminhos da luta por direitos pela via institucional. Também foram essenciais o estudo e a “tradução” de artigos e trechos da Constituição Federal e Estadual que se referem aos direitos dos povos e comunidades tradicionais. Para tal, foi preciso conhecer mais a fundo o significado de alguns termos-chave, como “posse” e “propriedade”, e romper bloqueios quanto à linguagem. Este trabalho foi a base para dialogar sobre direitos garantidos e sua efetividade e sobre o esvaziamento da Constituição e outros marcos legais por meio das ações (e omissões) do Estado.

Para inspirar as estratégias de resistência, houve um enfoque especial ao direito de consulta livre, prévia e informada dos povos e comunidades tradicionais assegurado pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), assim como aos protocolos comunitários como instrumentos para garantir a efetivação desta consulta de acordo com as normas de cada comunidade.

A troca de experiências sobre a mobilização e a retomada dos territórios tradicionais, com participação de lideranças locais, membros do Conselho e convidada do litoral baiano, também foi essencial para fortalecer a resistência. Como pano de fundo, a identidade e a autoafirmação foram reforçadas pela participação do grupo no emocionante evento de lançamento do livro sobre Zeca de Rosa, trabalhador rural assassinado em confronto com fazendeiro em torno do acesso a água em 1983 e avô de um dos participantes.

Para contextualizar a disputa atual em torno da privatização e degradação de recursos hídricos e dar prosseguimento à compreensão do bioma, uma palestra feita por conselheiros combinou o conhecimento técnico e a militância em torno da luta pela água no Cerrado, e abordou os

desafios da proteção dos aquíferos e o enfrentamento das ameaças de grilagem de terras e águas.

Fundamentada pelo relatório Atlas do Agronegócio (organizado pela Fundação Heinrich Boll), outra palestra evidenciou as contradições do agronegócio. Os participantes ouviram um *spot* (pequeno anúncio) veiculado na rádio por setores do agronegócio e buscaram identificar as contradições presentes na narrativa. A partir dessa análise, exercitaram a construção de argumentos alinhados aos conteúdos e às reflexões trabalhadas até então sobre o Cerrado e os direitos dos povos e comunidades. Este exercício foi feito em grupos, os quais foram definidos pela equipe de facilitação com vistas a romper resistências e desafiar novas interações entre os participantes, para em seguida refletir e aprender sobre o tema.

Mesmo que abordado de forma dinâmica, o denso conteúdo implicou intenso exercício do pensar. Para trazer equilíbrio, foram realizados exercícios diários de “pintura social”, em que os participantes utilizaram a aquarela para se ver nos processos de diálogo. Além dessa atividade específica ao Eixo Liderança e Desenvolvimento Pessoal, outras foram realizadas de forma integrada aos outros dois eixos, a exemplo dos trabalhos em grupo, onde os participantes foram convidados a refletir e registrar no Caderno de Bordo as percepções sobre seu jeito de ser e de se relacionar.

No entrelaçar dos eixos, a dimensão da reflexão pessoal pode estar integrada às demais atividades.

O Caderno de Bordo pode funcionar como um “cantinho” a ser utilizado pelo participante no decorrer do módulo para anotações individuais de suas percepções, seus propósitos, aprendizados, dentre outros aspectos relativos ao desenvolvimento pessoal. No nosso caso, utilizamos o verso do caderno.

A fala dos convidados trouxe motivação. Nossos líderes são fera!

Participante

Foi fundamental a parte das leis, porque fortalece o discurso e os argumentos. Descobri que posse é direito!

Participante

Os que tombaram na luta são semente. Me sinto semente também, com vontade de contribuir com a luta.

Participante

Exemplo de combinação de teoria e prática: receber e analisar conteúdo, sistematizar os conhecimentos e exercitar a construção de narrativa para aprimorar a capacidade de argumentar.

Nas aulas, a gente fica muito na cabeça e com o corpo parado. Na pintura, pudemos pensar diferente.

Participante

No **Eixo Experimentos de Mudança: Plano de Ação**, o Módulo 2 focou a preparação dos participantes para implementar de fato os planos de ação que foram esboçados no Módulo 1 e detalhados no entremódulo com apoio do tutor.

Em reunião prévia ao Módulo 2, os planos foram apresentados pelos tutores e analisados pelo Conselho Gestor, que trouxe uma questão de fundo para se pensar este eixo, expressa nas seguintes perguntas: qual o efeito mais importante da experimentação nos entremódulos? Promover a aprendizagem do participante ou gerar mudanças no território? É possível equilibrar estes dois efeitos? Como apoiar os participantes no desenvolvimento de uma visão mais ampla e estratégica dos problemas, para que possam desenhar propostas de ação mais efetivas no território?

Ainda nesta reunião, os tutores expressaram sua preocupação quanto à necessidade de os participantes cumprirem a tarefa e quanto à motivação real de alguns deles para tal. Foi decidido, portanto, que os projetos seriam optativos. E que no Módulo 2 haveria momentos de autoavaliação, para que cada participante analisasse o que aconteceu no entremódulo anterior com seu plano de ação, e trouxesse suas percepções, inquietações e demandas sobre a experimentação.

A partir das perguntas do Conselho Gestor, a equipe pensou o módulo de forma a equilibrar os dois efeitos da experimentação. Nesse sentido, as seguintes estratégias foram adotadas para cada participante aprimorar seu plano e se preparar para sua implementação:

- Trabalhar de uma forma bem simples e com exemplos práticos a correlação entre análise do contexto, definição de objetivo e estratégia de ação, para o participante entender e ajustar estes elementos de seu plano.
- Oficina de prestação de contas e de registro das atividades realizadas e resultados gerados, com vistas a capacitá-los nestes aspectos da gestão de microprojetos.
- Encontro com o tutor para apoio na qualificação do plano de ação, a partir do respeito à autonomia e protagonismo do participante.

Não interferir no que foi planejado e deixar que os participantes aprendessem da prática poderia ser um caminho. Mas no caso da formação de Cerrativistas, optou-se por outro caminho: fomentar a reflexão estratégica de cada participante sobre sua proposta de ação e apoiá-los no ajuste antes da implementação. Isso tornou o aprendizado mais rico em um menor espaço de tempo. Mas só foi possível devido à presença dos conselheiros no processo.

No decorrer do módulo, a equipe foi percebendo que alguns planos de ação eram bem redondos e promissores, e que outros levavam a perguntar: “No que será que vai dar?”. Mas os participantes saíram todos motivados. O módulo mexeu com o grupo! Naquele momento, nem imaginávamos o quanto!

O encerramento do módulo aconteceu às margens do rio Corrente. Inspirados pelo som das águas, os participantes apresentaram um resumo dos projetos, e o grupo todo pôde ter uma visão mais completa das iniciativas. Cada pessoa identificou seus desafios pessoais para colocar a iniciativa em prática. Algumas lindas poesias foram recitadas pelos participantes. Num misto de confiança e receio, despedimo-nos. Na certeza de que no sucesso ou insucesso, muitos aprendizados seriam colhidos. E seriam ainda mais enriquecidos pelos intercâmbios que aconteceriam até nos encontrarmos de novo para o Módulo 3!



“ Me vejo como uma lagarta comendo tudo e se transformando. Tive muita inspiração pro projeto e tenho mais clareza dos meus desafios. ”

Participante

CADERNO DE ATIVIDADES

3 – Exercício complementar à palestra dialogada: Como você diferencia Estado e Governo?

Dica:

- A atividade pode ser realizada antes da realização de uma palestra, para ter noção do entendimento dos participantes.
- Ou pode ser realizada após a palestra como autoavaliação da compreensão.
- Pode ser usada com preenchimento no papel ou com movimentação pela sala: estado de um lado, governo de outro.

Muitas vezes, utilizamos “Estado” e “Governo” como se fossem sinônimos. Estas duas palavras, porém, referem-se a estruturas diferentes. Para nos ajudar a refletir sobre isso, temos abaixo algumas frases que devem ser completadas com as palavras “Governo” ou “Estado”. Vamos lá?

1. Você viu no jornal? O _____ extinguiu o Ministério de Desenvolvimento Social!
2. É importante que a população compreenda um pouco da estrutura do _____ brasileiro: Poder Executivo, Poder Legislativo e Poder Judiciário.
3. A proposta de orçamento enviada pelo _____ para a Câmara de Deputados não passou por nenhum controle social!
4. O _____ foi condenado pelas violações que tem cometido contra os povos indígenas durante os 519 anos de sua existência.
5. Entra _____ e sai _____ e ainda não conseguimos tornar o Brasil um país justo, sem desigualdades sociais.
6. O _____ se formou a partir da colonização. Nesta construção histórica, o _____ brasileiro se constituiu em uma estrutura racista, burocrática, patriarcal (machista) e que reforça desigualdades sociais.
7. O _____ brasileiro tem negado aos povos e comunidades tradicionais o direito aos seus territórios.

CADERNO DE ATIVIDADES

4 – Pintura em aquarela: Agente de mudança e sua interação

Argila, colagem, desenho em giz, aquarela são exemplos de atividades artísticas que podem ser usadas com caráter pedagógico. Mas para isso precisam estar contextualizadas, com foco definido. Requerem ainda preparação, para que o participante entre no “território imaginativo” e se familiarize com o material e a técnica.

Para trabalhar a percepção de si como agente de mudança e a interação, escolheu-se a aquarela.

Dia 1 – individual: Escolher uma cor primária e fazer uma representação de si como agente de mudança.

Exemplo de roteiro para reflexão individual

- Que movimentos e formas percebe na pintura?
- A cor escolhida expressa o quê?
- O que sente diante dessa pintura?
- O que percebeu sobre sua expressão como agente de mudança/ liderança?
- Que nome você daria para seu quadro?

Dia 2 – trios: Escolher uma cor primária e iniciar uma pintura livre. Ao sinal da facilitadora, mudam de lugar e, procurando entender a intenção, continuam o quadro do outro.

Exemplo de roteiro para reflexão individual

- Como me senti ao interferir no quadro do outro?
- Como senti a interferência no meu quadro?
- Quais os aprendizados sobre meu jeito de ser na interação com o outro?
- Partilhar percepções no trio.

MÓDULO 3 – CERRATIVISTAS EM AÇÃO

Objetivos do módulo

- Ampliar referenciais sobre a atuação como agente de mudança.
- Aprender a partir da prática e partilhar a implementação dos planos de ação.

O plano pedagógico previa que a centralidade do terceiro módulo seria a aprendizagem a partir da ação realizada no território, e que sua programação seria complementada conforme a experiência vivida nos módulos e entremódulos anteriores.

De volta a Barreiras, onde também aconteceu o Módulo 1, os participantes chegaram animados e com muitas histórias para contar. Além da execução dos planos de ação, alguns intercâmbios movimentaram encontros, muita troca de experiências e aprendizados no entremódulo.

O arremate do **Eixo Ambiente, Cultura, Política e Direitos** foi feito com o tema das estratégias de resistência em situações de conflitos, iniciando a partir da caracterização de como eram vivenciados nos diferentes âmbitos de atuação dos participantes, para então trazer uma reflexão mais conceitual sobre o assunto. O passo seguinte foi abordar os conflitos socioambientais pela via institucional, retomando elementos trabalhados no módulo anterior e realizando um exercício de análise de casos reais e definição de estratégias.

Onde há conflito é preciso trazer o diálogo. No **Eixo Liderança e Desenvolvimento Pessoal**, o exercício de falar e ouvir deu pano pra manga e trouxe muitos elementos de reflexão sobre o diálogo e as condições internas de cada pessoa para acontecer.

Temas adequados à nossa vivência funcionam como uma preparação para nossa prática.

Participante

Este eixo seguiu sendo trabalhado de forma bem prática, sempre retomando a experiência dos entremódulos. O grau de participação nas reuniões durante a implementação dos projetos foi analisado; foram trazidas orientações para a condução de reuniões participativas; e por meio da simulação de reuniões para construir coletivamente alguns conteúdos relacionados ao curso, o grupo exercitou na prática estas orientações e as habilidades de facilitação. E foi perceptível a evolução de cada pessoa: mais segurança para falar em público, narrativa aprimorada, fluidez no trabalho em grupo!

Mantendo a lógica de fazer referência aos projetos, trabalhou-se o tema da mobilização e comunicação social no território. Um destaque foi a oficina “Sua voz pelo Cerrado”, combinando teoria e prática e incluindo exercícios de análise crítica da mídia e elaboração de releases.

Como o nome do módulo sugere, conhecer as experiências dos Cerrativistas foi o ponto alto! No **Eixo Experimentos de Mudança: Plano de Ação**, a cada dia foram dados passos com os tutores: prestação de contas, sistematização de aprendizados e preparação da apresentação. No entremódulo, muitos projetos envolveram não só a pessoa responsável, mas também conselheiros e outros participantes da formação.

E o clima era de orgulho pelos resultados alcançados, tanto no âmbito pessoal, quanto no território. Agroecologia, proteção das águas, terra e território, identidade, mobilização comunitária com destaque aos jovens foram alguns dos temas das ações desenvolvidas. Difícil expressar sua riqueza em poucas palavras. A galeria de projetos no próximo capítulo dá uma ideia da potência dessas ações!

A retrospectiva apresentada pelo grupo abriu o momento de conclusão do curso e, por meio de um caminho com estações que relembavam cada módulo, possibilitou aos participantes e aos conselheiros reviverem o percurso formativo.

Este lembrar subsidiou a avaliação final da formação. E, por fim, o momento foi coroado com a entrega de certificados, música e muitos abraços, no desejo de que seria um até breve.

Exercitar habilidades de facilitação foi uma necessidade que surgiu no módulo, e com pequenos ajustes no procedimento foi possível agregar um tema que não havia sido previsto.

... ser liderança não é fácil. Os projetos mostraram o quanto somos capazes.

... foram pequenas ações que, somadas, fazem diferença na região.

Participante

CADERNO DE ATIVIDADES

5 – Exercício de habilidades sociais: Falar e ouvir

Falar é uma necessidade.

Ouvir é uma arte.

Objetivo: Conscientizar-se sobre os fenômenos internos e externos que ajudam e dificultam o ouvir e reproduzir o que o outro realmente está dizendo.

Procedimento:

- Grupos de 3: compostos por A, B, C. Sendo C observador e quem cuida do tempo.
- 3 Rodadas de Diálogos de 5 a 7 minutos + 3 minutos após cada rodada para registros pessoais + 5 minutos para partilhar as experiências entre os integrantes ao final.
- A faz uma colocação (pode ser uma afirmação ou uma pergunta);
- B, antes de responder ou reagir à colocação de A, repete o que A colocou;
- A diz “certo” se B repetiu a colocação de forma correta. Neste caso, B está autorizado a prosseguir e fazer por sua vez uma colocação, dando prosseguimento ao diálogo iniciado por A. A, por sua vez, deve repetir o que B disser.

Pergunta orientadora final para o trio e plenária:

O que ajuda e dificulta o ouvir?

CADERNO DE ATIVIDADES

6 – Comunicação como ferramenta política: Elaboração de release

Orientações gerais:

- Chuva de ideias sobre os argumentos por meio de palavras-chave.
 - O que, quando, onde, quem, como, por que.
 - Dados, estatísticas, falas oficiais, personagens, fontes, fotografias ou vídeo.
 - Fechamento: encaminhamentos, perspectivas, conclusão. Recado final para sensibilizar, incidir, mobilizar, denunciar.
- Organizar participantes em trios
- O exercício pode ser usado para sistematizar palestras, como conclusão de curso.
 - Falar sobre o próprio curso pode ser um exercício bastante estimulante também.

ECOS

DOS
CERRATIVISTAS

5



Acreditamos que a formação de Cerrativistas vai seguir reverberando nas pessoas e no território!

Por ser uma estratégia focada no grupo, é principalmente nas pessoas que visualizamos os primeiros resultados. Motivados para seguirem com suas iniciativas no território e com apoio das organizações do Conselho Gestor, estes Cerrativistas já vêm gerando e podem gerar ainda mais efeitos no território. É a interdependência entre o desenvolvimento do indivíduo e do contexto acontecendo na prática!

Para partilhar um pouco dos resultados gerados pela formação, aqui trazemos palavras ecoadas pelos Cerrativistas, ora por uma pessoa, ora por um grupo, refletindo percepções individuais e coletivas dos participantes do curso e dos conselheiros. Alguns dos relatos foram feitos no último módulo e na reunião final do Conselho, outros cerca de um ano e meio após a conclusão, em um evento online.

Tais percepções estão organizadas nos três âmbitos da aprendizagem para o desenvolvimento.

Saber Refletir

Entender o contexto com seus potenciais e ameaças (atores, legislações, políticas públicas, estratégias da sociedade civil, etc.).

Saber Ser

Ampliar a percepção de si mesmo como agente de mudança no território e aprimorar suas habilidades para atuar como tal.

Saber Fazer

Realizar ações concretas no território.

SABER REFLETIR

Empoderamento na fala

... “tenho o que falar.”

PARTICIPANTE

... “me senti como se estivesse em uma universidade. Na verdade, foi até melhor, porque prepara para a vida. A qualidade dos assuntos e forma de trazê-los foram muito boas, e me ensinaram a ir buscar mais conhecimento.”

PARTICIPANTE

... “O acesso à informação faz diferença. Melhoraram o conteúdo da narrativa e também a forma. Houve uma seleção cuidadosa de materiais a serem disponibilizados, incentivo ao estudo e sistematização, voltados a questões reais. Despertou a vontade de aprender e estudar. Chamou a atenção o número de pessoas que acessaram a universidade após o curso e outras que buscaram formações complementares.”

PLENÁRIA DO CONSELHO GESTOR

SABER SER

Reconhecer-se e atuar como agente de mudança

... “tornou-se um chamado para fazer algo. O termo agente de mudança foi presente sem ser forçado.”

MARTIN – IOENVOLVIMENTO

“Participantes se perceberem como capazes de transformar o meio, a princípio com ações simples, mas que fazem toda diferença. Houve um despertar de capacidades, muitas antes não percebidas. O curso oportunizou que se desafiassem e se superassem a cada etapa, isso gerou coragem, entusiasmo e autoconfiança.”

PLENÁRIA DO CONSELHO GESTOR

Como fruto do curso, os participantes estão mais engajados em seus espaços de atuação e fazendo uso do que aprenderam. Outros ampliaram sua atuação, com destaque para mulheres assumindo a presidência e coordenação de organizações comunitárias e do movimento ou disputando cargos no Executivo e Legislativo.

Articulações que surgiram a partir da iniciativa de participantes: Coletivo de mulheres do Cerrado, Associação de pescadores, Grupo águas do Cerrado, Grupo de estudos buriti tem sede.

Identidade cerratense ou cerrativista fortalecida

... “a vontade de lutar vem do amor pelo Cerrado.”

PARTICIPANTE

... “Eu nem sabia que tinha tantos povos indígenas no Cerrado.”

PARTICIPANTE

Ampliou-se a visão sobre o Cerrado, sobretudo com os intercâmbios. As pessoas conheceram mais sobre a diversidade de povos e lutas e começam a se questionar e se posicionar sobre seu lugar nessa luta.

Mudanças positivas na postura individual

...“através das propostas de autoconhecimento contextualizado descobriram algo em si que ainda não tinham visto, aceito ou gostado.”

PLENÁRIA CONSELHO

Foram diversos os relatos de mudança nas relações sociais. Desde a superação da timidez, a autoconfiança, capacidade de ouvir, abertura para mudar e ter nova postura diante de desafios.

SABER FAZER

... “Nos projetos, aplicamos os conhecimentos adquiridos ao longo dos módulos, sendo para mim um dos momentos fundamentais. A forma do planejamento, a prestação de contas, a mobilização e forma de dirigir as reuniões, as tomadas de decisões, tudo isso foi realizado no projeto, seguindo as orientações recebidas ao longo do curso.”

PARTICIPANTE

... “Um curso de curta duração como este contribui, mas não dá conta de desencadear processos mais consistentes, por isso é fundamental a presença e participação das organizações para dar conta do acompanhamento de longo prazo.”

ANDREIA – CONSELHEIRA/MAB

Importante contextualizar que alguns meses após a conclusão do curso tiveram início as medidas de isolamento social por causa da pandemia de Covid-19. A continuidade de alguns projetos foi interrompida, e outros foram reinventados. Algumas sementes permanecem no solo, sendo cuidadas, outras florescendo ou aguardando para rebrotar.

CERRATIVISTAS EM AÇÃO

17 projetos

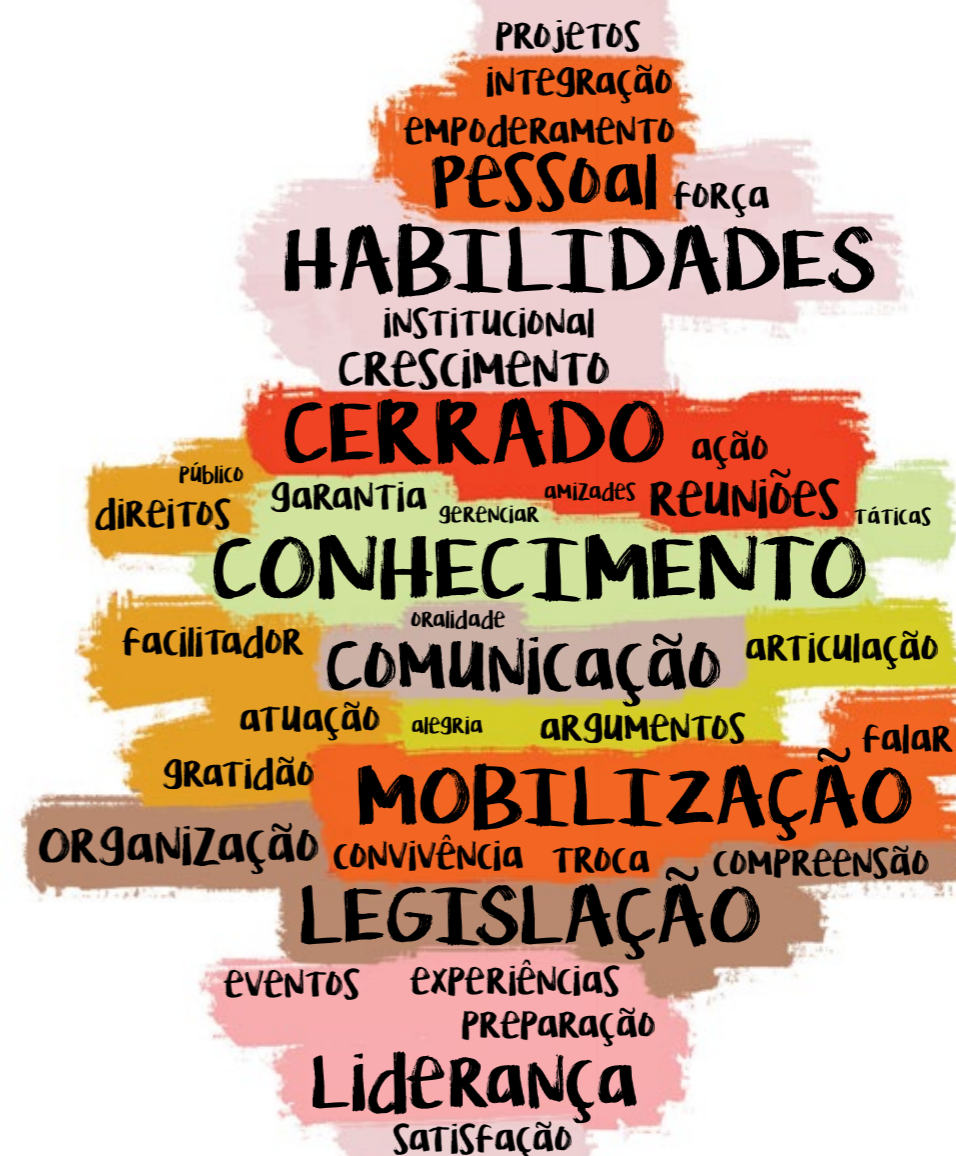
9 municípios

R\$ 39,3 mil aplicados

de R\$ 300,00 a R\$ 3mil

1.330 pessoas mobilizadas presencialmente

+1.700 por evento transmitido pela internet



GALERIA DE PROJETOS

PROJETO CÂNDIDA CORRENTINA

Aliene Barbosa

Construção de abrigo no fecho

“Melhorar condições de segurança no fecho para nos abrigar e proteger os alimentos do envenenamento. Cândida era o nome da minha avó, e esse projeto vai possibilitar as mulheres irem mais para o fecho. Desafio pessoal: ser mais paciente e insistente.”

VIDA SAUDÁVEL CORRENTINA

Adalgisa de
Jesus (Nena)

Realizar intercâmbio de agricultores na EFA

“Estamos comendo e bebendo veneno. Quero realizar reuniões para entender o problema, falar com agricultores e mostrar alternativas. Desafio pessoal será me conter quando encontrar alguém que não concorda comigo.”

BURITI TEM SEDE CORRENTINA

Conchita Silva

Seminário Água do Cerrado e seus povos

“Na UFOB, a narrativa é de que a universidade existe graças ao agronegócio. Não sabem que o campus de Santa Maria foi uma conquista popular. Alunos e professores não conhecem a luta. Não sabem dos movimentos sociais. Precisam entender o povo que luta pelo Cerrado. Pensam: o território é do outro. Vou articular a participação de conselheiros e outros membros do grupo de Cerrativistas. Desafio pessoal: controlar ansiedade e pedir ajuda.”

UNIDOS PELAS ÁGUAS SÃO DESIDÉRIO

Vilma Santos

Realizar audiência pública

“Mobilizar comunidades que sofrem com a baixa do rio Grande. Desafio será mobilizar pessoas para me ajudar.”

SEMEANDO O FUTURO CORRENTINA

Vanessa Moreira

Produção de mudas para a recuperação de área de Cerrado

“O projeto vai implantar o sistema de irrigação do viveiro da Associação de Preservação Ambiental e Fundo e Fecho de Pasto de Brejo Verde, Praia e Catolés, em forma de mutirão e mobilização da comunidade. Desafio será fazer a mobilização.”



**PROTEGENDO A NASCENTE
SERRA DOURADA**

Vilma Araújo

Cercamento de nascente

“Quero trabalhar o problema das nascentes do Riacho de Serra Dourada. Realizar estudo com Inema e Comitê de Bacia para todos tomarem conhecimento do problema e fortalecer a corresponsabilidade. Desafio será trabalhar com esses atores, aproveitando o que cada um tem de bom. Tenho costume de impor o que penso.”

**VEREDA NO CERRADO
TABOCAS DO BREJO VELHO**

Janaína Borges

Realizar Seminário

“Comunidade e alunos conhecerem mais o Cerrado. Desafio: falar!”

**ARTICULAÇÃO
PARA JORNADA DE
LUTAS DO MAB
COCOS**

Ianna Falcão

Conduzir reunião preparatória

“Preparar uma reunião bem organizada para discutir com as lideranças de 5 comunidades o processo preparatório da Jornada de Lutas do MAB em Salvador e Romaria do Cerrado em Coribe. Desafio vai ser falar, ficar calma. Prestação de contas vai ser a primeira vez.”



Acervo do projeto



Acervo do projeto

**RESGATE DE SABERES
CORRENTINA**

Douglas Barreto

**Dia de campo sobre
plantas medicinais**

“Jovens não conhecem as plantas medicinais, quero promover troca de saberes com mais velhos. Meu desafio será a organização do projeto, planejar o passo a passo.”

**PRODUZINDO MUITO COM POUCO
SANTA MARIA DA VITÓRIA**

Vandilson Pereira

Implantar sistema de reuso de água cinza

“Vamos fazer uma horta na escola (EFA) usando ‘bioágua’. O sistema de reuso é um conhecimento que ninguém tem e será de muita utilidade para os alunos. Meu desafio será atuar como um orientador.”

LAGOA VIVA ANGICAL

Hugo Trindade

Audiência na Câmara Municipal, passeata e Seminário

“Mudar a visão da população e da gestão municipal sobre o problema da lagoa que era o cartão-postal do município. Apresentação de causas do problema por professores da UFOB, articulação com alunos da EFA, mobilização de escolas e moradores da Comunidade de Ouriçangas. Desafio: mobilizar e passar para os outros tudo que estou aprendendo.”

CEJUMA NO CERRADO COTEGIPE

Luciana Cordeiro

Gincana para jovens

“Cerrado fazer mais sentido para os jovens, ter reconexão com a natureza. Fazer uma gincana, desafiar os jovens com atividades para mergulhar no Cerrado e Caatinga”.

UNIDOS PARA SEMEAR COTEGIPE

Tamires Santos

Implantar horta comunitária

“Objetivo é mobilizar os jovens para as causas comunitárias através da horta. Meu desafio será falar e lidar com a ansiedade.”

ARROJADÃO LIMPO CORRENTINA

Sidneia Andrade

Debate sobre saneamento

“Precisamos melhorar a visão das pessoas sobre saneamento. Desafio será a mobilização.”

ÁGUAS, UM DEBATE PELA VIDA CORIBE

Sérgio dos Santos

Roda de conversa entre lideranças do MAB

“A roda de conversa com pessoas mais antigas me marcou muito. Sinto que precisamos fazer algo semelhante. Reunir mais antigos e mais novos para problematizar a desmobilização. Desafio vai ser dar prosseguimento após o evento.”

PROTEGENDO O FECHO SANTA MARIA DA VITÓRIA

Eugênio de Souza

Cercamento do fecho

“Temos uma ameaça ao fecho e precisamos fazer uma cerca em mutirão para proteção do território na divisa com um fazendeiro. Desafio será a prestação de contas.”

CAVALGADA CALIANDRA FORMOSA DO RIO PRETO

Luzineide Gomes e Luiz Leite

Cavalgada com comunidades próximas

“Fortalecer nossa luta pelo território. Despertar as pessoas, mobilizar. Ao final da cavalgada, trataremos das ameaças à comunidade.”



Acervo do projeto



Acervo do projeto

CERRATIVISMO

**UMA EXPERIÊNCIA
INSPIRADORA
PARA FORMAÇÃO DE**

**AGENTES
DE
MUDANÇA**



ISBN 978-65-87922-01-0

